

Não dê férias à Esperança!



"A firmeza produz a esperança" Rm 5~~4~~

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Filipa Baptista
Francisco Valles
João Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Mónica Maruny
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Cristina Barata
Maria Albuquerque
Maria João da Luz
Núria Frau (Missionária VDei)
Paula Jordão (Missionária VDei)
Sofia Almeida

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Não dêś férias à Esperança!

4 | **INTRODUÇÃO**

PARTE I | Domingos de Verão

- 10 1 Julho - Domingo XIII do T.C.
- 16 8 Julho - Domingo XIV do T.C.
- 21 15 Julho - Domingo XV do T.C.
- 26 22 Julho - Domingo XVI do T.C.
- 30 29 Julho - Domingo XVII do T.C.
- 34 5 Agosto - Domingo XVIII do T.C.
- 39 12 Agosto - Domingo XIX do T.C.
- 43 19 Agosto - Domingo XX do T.C.
- 48 26 Agosto - Domingo XXI do T.C.
- 52 2 Setembro - Domingo XXII do T.C.
- 56 9 Setembro - Domingo XXIII do T.C.
- 60 16 Setembro - Domingo XXIV do T.C.
- 65 23 Setembro - Domingo XXV do T.C.
- 70 30 Setembro - Domingo XXVI do T.C.

PARTE II

- 76 Silêncio e Palavra
- 80 A família, o trabalho e a festa

- 86 Próximas actividades da FaMVDei Lisboa

“Leyamos connosco o peregrino do Amor...”

“Estamos em Deus quando estamos em nós – na nossa identidade cristã – e estamos em nós quando, de facto, vivemos a nossa consagração ao Deus vivo que habita em nós.”

O fundador da Verbum Dei, Jaime Bonet, ao reflectir sobre a Santíssima Trindade e, ao mesmo tempo, associá-la à nossa mais profunda identidade, lança-nos uma ideia cuja compreensão não é linear mas é, ao mesmo tempo, de uma verdade profunda.

É verdade que andamos constantemente, ainda que de uma forma inconsciente, à procura de nós próprios e da nossa verdade. Umas vezes procurando ter mais, outras sendo de uma maneira diferente mas, em todas as procuras, quantas vezes continuamos com um sentimento de vazio e sem sentido para a vida que levamos?

No Verão, podemos até ter o privilégio de fazer uma semana de exercícios espirituais e de sentirmos que encontramos a solução para muitos problemas e respostas para muitas perguntas, mas quantas vezes chegamos ao Advento já demasiado cheios do mundo e pouco do Espírito Santo que tão bem nos fez nos momentos de oração...?

Encontrarmo-nos connosco mesmos é realmente um grande desafio... No entanto, saber que Deus habita em nós e que, por isso, quando estamos em relação com Ele estamos connosco próprios, é de uma imensa sabedoria!

“No nosso peregrinar pela terra, levamos em nós o peregrino do Amor, que está sempre connosco. Levamos Os que nos suportam, criam e recriam, enchendo-nos com o seu tríplice amor. Pedem-nos que partilhemos esse amor com os Três e com todos os nossos irmãos. Os Três companheiros, que partilham connosco o seu pão e a sua vida, jamais se afastarão de nós por sua iniciativa. O diálogo com Deus, a vida de oração, é, certamente, o meio habitual, normal e próprio do cristão; constitui a melhor herança, parte ou património, o alimento e a vida mais rica e substancial para o coração do homem. A presença amorosa da Trindade marca o ritmo do nosso viver numa tonalidade completamente nova e transcendente.” (A Santíssima Trindade, síntese trinitária de Jaime Bonet)

Talvez encontrarmo-nos com a Trindade em nós nem sempre seja fácil pelas mais diversas razões: porque não silenciemos o suficiente as vozes que não são do Espírito Santo e que coexistem com a Trindade em nós; porque não conhecemos suficientemente bem as características únicas do amor do Senhor; porque somos pouco coerentes entre aquilo que intuimos do Espírito Santo e aquilo que pomos em prática; porque separamos as águas do espiritual e do humano pensando que são ambientes distintos quando, na verdade, ao sermos habitados pela Trindade a nossa realidade não pode ser separada do amor de Deus; porque por mais erros que cometamos ou maiores contrariedades que vivamos, a Trindade nunca nos abandonará... Quanto muito, a Trindade parecerá distante se insistirmos viver, durante muito tempo, de costas voltadas para esses 3 companheiros que nos amam loucamente...

Neste caderno de oração só desejamos que cada um se encontre consigo mesmo, com a Trindade que o habita, com a ajuda das orações de muitos que aqui vos oferecemos.

Que o Verão (e as férias para aqueles que as podem gozar) possa trazer a serenidade do encontro com Aquele que é só Amor... e que todos os que estejam connosco neste tempo possam gozar desse Amor através da nossa maneira de ser e de estar!



“Tu és Três, nós somos três”

Quem nunca se viu aflito para explicar a uma criança, ou a um adulto, que Deus é um só em três Pessoas? A criança ainda encontraria alguma lógica com as palavras que conhece: “o Pai, o Filho e...a mãe”! O certo é que sentimos a dificuldade de explicar o mistério (não deixaria de o ser se fosse explicado?) e utilizamos comparações e analogias como a do braço humano: o Pai como o braço (origem da força), o Filho como a mão (que modela), o Espírito Santo como o dedo indicador (que aperfeiçoa). Ou então na “metáfora popular” do padre de aldeia que comparava o mistério da Santíssima Trindade com “um presunto”: “O Pai é como se fosse o osso; o Filho, a carne; e o Espírito, o toucinho!” Mas toda a comparação tem a sua falha e alguém contrapôs: “Ó Senhor prior, então, e o courato?” Ao que o bom do prior respondeu rapidamente: “Aí é que está o mistério!”

O título desta crônica provém de um delicioso conto russo que me convida sempre à simplicidade quando penso na comunhão de Pessoas que Deus é. Conta-se que um bispo de uma remota região da Rússia, cuja diocese se compunha de numerosas ilhas, fazia a sua primeira visita pastoral de barco, conhecendo os seus diocesanos tão isolados. Numa ilha encontrou três anciãos que o receberam e aos seus companheiros com muita simplicidade e alegria. A memória deles parecia ter-se gasto com o tempo: não sabiam que idades tinham, nem donde tinham vindo, mas, com muita alegria para o Bispo, acreditavam profundamente em Deus. Sabiam apenas uma oração mas repetiam-na constantemente: “Tu és três, nós somos três. Louvado sejas por tudo!” Do resto, doutrina, orações, jejuns e abstinências,

nada! O bom do Bispo entendeu então que devia gastar ali alguns dias, para lhes ensinar os fundamentos da fé cristã, os mandamentos, o acto de contrição e o Pai-Nosso. Assim o fez, com muito agrado dos anciãos, que procuraram aprender o melhor possível. Quando achou estar bem feita a sua evangelização, o bispo despediu-se, muito contente consigo mesmo. Três dias depois, numa zona de mar despovoada de ilhas, a tripulação foi sobressaltada por três vultos que, na linha do horizonte, se dirigiam para o barco, correndo sobre as águas! Eram os anciãos. Quando subiram para o barco, ajoelharam diante do Bispo, e pediram que lhes ensinasse de novo aquela linda oração do Pai-Nosso. Tinham-se esquecido das palavras e, há três dias, que não conseguiam rezar nada. Então, o Bispo entendeu. E com os olhos cheios de lágrimas, abraçando-os, disse-lhes: “Meus queridos irmãos, quando quiserem rezar, digam: “Tu és Três, nós somos três. Louvado sejas por tudo!”

Como entender que Deus é Trindade, se não procuramos viver da sua comunhão? Como professar a fé se ela não for, fundamentalmente, amor? Em tudo, e com Deus também, não se conhece bem sem querer amar, não é?

À PROCURA DA PALAVRA

P. Vítor Gonçalves

SANTÍSSIMA TRINDADE Ano C

“Ele vos guiará para a verdade plena”.

Jo 16, 13

parte I **Domingos de Verão**

“Aquele amor que nos empurra a dar até ao fim”

Sab 1, 13-15;
2, 23-24;

Sl 29, 2.4-
6.11-12a.13b;

2 Cor 8,
7.9.13-15

**Mc 5, 21-
24.35b-43**

“Depois de Jesus ter atravessado, no barco, para a outra margem, reuniu-se uma grande multidão junto dele, que continuava à beira-mar. Chegou, então, um dos chefes da sinagoga, de nome Jairo, e, ao vê-lo, prostrou-se a seus pés e suplicou instantemente: «A minha filha está a morrer; vem impor-lhe as mãos para que se salve e viva.» Jesus partiu com ele, seguido por numerosa multidão, que o apertava.

Ainda Ele estava a falar, quando, da casa do chefe da sinagoga, vieram dizer: «A tua filha morreu; de que serve agora incomodares o Mestre?» Mas Jesus, que surpreendera as palavras proferidas, disse ao chefe da sinagoga: «Não tenhas receio; crê somente.» E não deixou que ninguém o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Ao chegar a casa do chefe da sinagoga, encontrou grande alvoroço e gente a chorar e a gritar. Entrando, disse-lhes: «Porquê todo este alarido e tantas lamentações? A menina não morreu, está a dormir.» Mas faziam troça dele. Jesus pôs fora aquela gente e, levando consigo apenas o pai, a mãe da menina e os que vinham com Ele, entrou onde ela jazia. Tomando-lhe a mão, disse: «Talitha qûm!», isto é, «Menina, sou Eu que te digo: levanta-te!» E logo a menina se ergueu e começou a andar, pois tinha doze anos. Todos ficaram assombrados. Recomendou-lhes vivamente que ninguém soubesse do sucedido e mandou dar de comer à menina.”

- Nas situações de maior medo e desespero, a quem corremos para pedir ajuda?
- Acreditamos que o amor de Deus pode mais do que todo o mal?
- Saberemos aprender com as personagens da Bíblia que correm até Jesus para, pela sua “fé”, se salvarem?



nas situações limite, qual é o motor que nos dá forças para percorrer o trajecto mais difícil, aquele que achamos inultrapassável...?

É desconcertante a quantidade de situações dramáticas que têm passado por mim nas últimas semanas: uma amiga de 50 anos que ao fim de 25 anos de casamento (muitos deles muito felizes) se separa do marido e, depois de parte da vida dedicada à educação dos filhos, começa agora à procura de emprego; pessoas próximas que descobrem que têm cancro; filhos (adolescentes) de amigos e familiares a tomar anti-depressivos e com crises de ansiedade; o marido (ex-toxicodependente) de uma amiga, novamente com uma recaída brutal, está agora no limite da dignidade humana; famílias em que não há ninguém que trabalhe, crianças e adultos dependentes da comida das carrinhas para os “sem-abrigo” e da solidariedade de vizinhos e amigos; amigas a quererem separar-se dos maridos que as desrespeitam e maltratam mas sem o poder fazer porque os seus salários não são suficientes para se sustentarem a si e aos seus filhos,... São tantas as situações que me têm tirado o sono que, quando leio esta leitura, só me ocorre: “Senhor, adianta correr para ti e pedir-te ajuda? Se fazias milagres na altura, porque não os fazes agora? Somos uma geração sem fé que não é digna de “milagres”?”

Releio as palavras sábias que o Pe. Vítor Gonçalves escreveu na Voz da Verdade: “Aquele amor que muda as nossas vidas, que enche de paz quando as injustiças e o inexplicável acontecem, que nos empurra a dar até ao fim o melhor que está dentro de nós”. O que sinto é que os milagres só se dão quando confiamos em Ti, quando corremos para Ti como única solução para os nossos problemas. Vejo como é a “fé” que salva todos aqueles a quem concedes milagres. É a capacidade de confiar em Ti, num amor maior do que todos os males, que nos faz ultrapassar todos os obstáculos com um sentido de uma vida mais abrangente do que as facilidades.

Contrariamente ao sentido comum (e, lamentavelmente, cada vez mais comum em sociedades afastadas de crenças cristãs), a vida é mais fácil quanto menos seguranças tivermos. A saúde, a estabilidade emocional, o trabalho, são “bens” preciosos mas frágeis, no limite incontroláveis por nós e nunca dados adquiridos. Mas para viver sem estas “seguranças”, a fé é a chave dos problemas porque a segurança em Ti liberta-nos das outras seguranças efémeras.



<http://paralelismos.blogs.sapo.pt>

“São João da Cruz disse que, *"no entardecer da vida, todos seremos julgados pelo amor"*. Gosto de lembrar este pensamento. Não sei se por contactar com alguns "entardeceres" que são desencanto e tristeza, e com outros que são serenidade e encantamento, agradeço a quem me mostra que é possível o amor mesmo quando se desistiu dele.

O "Príncipezinho" de Saint-Exupéry dizia que quando se está muito triste gostamos de ver o pôr-do-sol. É nesse momento que ele nos deixa vê-lo de frente sem magoar os olhos, e maravilhamo-nos por tanta beleza. É um momento de síntese, de encontro com a verdade de tudo fazer sentido, de abraçar tudo o que nos abraçou no dia e na vida. Pois é, acredito que serei julgado pelo amor que viver (mesmo frágil e imperfeito mas autêntico e sincero) e pelo Amor que Deus é, abundante e surpreendente.” Pe. Vítor Gonçalves, *Voz da Verdade*

Deixemo-nos, por isso, abraçar e surpreender por este Deus que nos procura incessantemente para nos proporcionar o milagre de nos sabermos amados apesar de todos os sofrimentos e contrariedades da vida!

“Levantei-me e comecei a andar...”

Eu não sabia para onde me levavam aqueles amigos que entraram, intempestivamente, na minha pobre casa. Traziam um sorriso na cara mas ficaram calados às minhas perguntas. Que ia ser uma surpresa, disseram à minha família. E levaram-me apressados. Eu não gostava de surpresas. Desde o acidente que me tinha deixado assim, feito um monte de trapos, vivia um inferno em vida. A precisar sempre de todos, até para comer. E sem poder fazer nada por ninguém. Alguns diziam que tinha sido um castigo pelos pecados de um antepassado, outros que eu devia dar graças a Deus por estar vivo. Mas crescia em mim uma raiva contra a vida e até contra Deus. Sofria e fazia sofrer os que tanto me queriam.

Fui todo o caminho a barafustar com eles. O seu passo apressado não enganava: queriam levar-me a algum lugar. Comecei a sentir o barulho de muita gente mas, deitado como estava, só via o céu azul que, nesse dia estava tão bonito. A certa altura pararam porque a casa onde queriam levar-me estava rodeada por uma grande multidão. Silenciosos escutavam alguém cuja voz me chegava ténue. Não percebia o que dizia mas as suas palavras eram como as ondas suaves e frescas do mar da Galileia ou o chilrear matutino dos pássaros. Pedi para me baixarem só que eles tinham outra coisa em mente. Rodeámos a multidão e, por detrás da casa, começaram a subir comigo para um terraço vizinho. E eis-me feito alpinista involuntário. Dali passaram ao telhado da casa em que a voz abraçava o silêncio. E, abrindo um buraco no tecto, começaram a descer-me com umas cordas mesmo diante daquele homem que via pela primeira vez. Eu estava duplamente paralisado. Zangado com os amigos atrevidos, envergonhado por aquela exposição pública da minha

miséria, com medo daquele homem que calava as multidões, tinha o coração a bater como o ribombar de trovões.

Ele olhou para mim e viu-me por dentro. Com a delicadeza de quem olha para lá das aparências, com um olhar que curava as muitas feridas abertas e me abraçava como ninguém tinha feito nunca. Chamou-me “filho” sem nunca o ter visto antes e era a palavra mais certa para dizer como estava a nascer de novo. Disse que os meus pecados estavam perdoados. E eu que julgava que os pecados eram mais dos outros, da sociedade que não era justa, das injustiças que eram sempre anónimas, baixei à minha miséria mas a sua mão levantou-me e senti-me de pé mesmo continuando deitado. Não dei conta do burburinho que se armou. A ordem que me deu parecia natural. Quando o meu corpo ganhou forças para se erguer já eu corria pelos campos e ia abraçar os meus.

Desde então não me canso de falar d’Ele. Em especial aos paralíticos do corpo e também aos da alma, pois não basta ter pernas para saber andar. Todas as prisões têm uma porta para entrar e para sair. E se estiver muito aferrolhada, há sempre um tecto que pode ser esburacado. É verdade, tenho criado várias associações de amigos dos paralíticos! Atrevidos para levar todos até Jesus!

in Voz da Verdade 19.02.2012

À PROCURA DA PALAVRA

P. Vítor Gonçalves

DOMINGO VII DO TEMPO COMUM

*“Filho, os teus pecados
estão perdoados.”*

Mc 2, 5

“E não pôde fazer ali milagre algum”

Ez 2, 2-5; “E partiu dali. Foi para a sua terra, e os discípulos seguiam-no. Chegado o sábado, começou a ensinar na sinagoga. Os numerosos ouvintes enchiam-se de espanto e diziam: «De onde é que isto lhe vem e que sabedoria é esta que lhe foi dada? Como se operam tão grandes milagres por suas mãos? Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós?» E isto parecia-lhes escandaloso. Jesus disse-lhes: «Um profeta só é desprezado na sua pátria, entre os seus parentes e em sua casa.» E não pôde fazer ali milagre algum. Apenas curou alguns enfermos, impondo-lhes as mãos. Estava admirado com a falta de fé daquela gente.”

Slm 122, 1-4;

2 Cor 12, 7-10;

Mc 6, 1-6

- Que ideias e imagens tenho eu de Jesus? Sinto-o “domesticado” na minha vida quotidiana ou deixo margem para que Ele me surpreenda?
- Como anda a nossa “fé”? Como sempre ou, apesar de dúvidas e questões, sinto que tenho evoluído na percepção e gozo na presença do Senhor?
- Acredito que “as crises são grandes mestres e ouvindo-as ouço uma parte secreta do nosso coração”?



Bíblia é de uma beleza enternecedora de tão carregada está de mensagens, imagens, histórias e exemplos que nos ajudam a melhor perceber o amor de Deus.

Nesta passagem, é delicioso ver como Jesus, voltando à sua terra, não consegue convencer ninguém porque as pessoas não se abstraem da sua identidade física, de filho de Maria e José. As aparências iludem e, neste caso, Jesus, um homem nascido num contexto histórico igual ao comum dos mortais, simplesmente não convence quem o conhecia de pequenino... Ou seja, quando a nossa fé está demasiado “domesticada”, quando estamos demasiado parametrizados em certas crenças e até preconceitos, Jesus, pura e simplesmente, não tem nada para nos dizer, não convence...

Podemos ir à missa todas as semanas, podemos nos dizer católicos praticantes e escandalizarmo-nos com o número crescente de desertores da religião católica mas se, tal como os conterrâneos de Jesus, não estamos dispostos a surpreendermo-nos pela Palavra, não nos deixarmos “escandalizar” pelas ideias sempre inovadoras de Jesus, não se produzem alterações nem milagres e à nossa volta só haverá lugar para pântanos e águas paradas...

Jesus “estava admirado com a falta de fé daquela gente” porque só a capacidade de acreditar e confiar nele é que possibilita mudanças na nossa vida, para melhor, entenda-se!

Como o Pe. António Couto tão sabiamente ensinou, “A Palavra é mais eficaz quando não nos defendemos nem atacamos. Quem acha que já sabe o texto, é quem pior o capta. (...) A Palavra, em si mesma, não tem nenhum poder!

Só quando ela começa a desinstalar determinadas coisas em mim e a transformar-me, é que ela tem poder.”

Na sua terra, Jesus ainda curou alguns doentes, ou seja os mais frágeis. A soberba e o convencimento impedem-nos de deixar Jesus entrar. A humildade é o passaporte para entrar num plano de fé e de confiança em Deus.

O Pe. Couto explica ainda que “acolher Deus na nossa intimidade pode ser arriscado porque implica morrer para uma vida que eu vivi até aqui para passar a viver outra vida nova. E isto não é possível com dureza de coração!”

Jesus não pôde fazer ali nenhum milagre porque as pessoas ouviram-no com dureza de coração, com insensibilidade a deixarem-se moldar, a acolher a novidade das palavras que Jesus lhes trazia.

É verdade que é mais fácil acreditar no que nos ensinaram há 30 ou mais anos do que mudar toda a lógica depois de muitos anos habituados a determinadas crenças... mas se, ao longo da vida, deixarmos o nosso coração amolecer ao sol, se nos deixarmos interpelar por ventos e ideias que tragam paz e comunhão, então será caso para parar e pensar de onde virá realmente o sopro de Deus, a verdadeira intuição do Espírito Santo! E, quem sabe, essa intuição não virá de onde menos esperamos...

Entrevista de Mafalda Avelar a Pe.Tolentino Mendonça

NUM MOMENTO EM QUE A ECONOMIA VOLTA A PROVAR QUE NADA É GARANTIDO, A FORÇA INTERIOR GANHA PESO. HOJE O PARADIGMA ESTÁ A MUDAR. E O SER SUBSTITUI O TER. PARA BEM DE TODOS NÓS.

"A meio do caminho desta vida me vi perdido numa selva escura" (Dante). Como é que podemos interpretar esta escuridão, que hoje - em crise - atinge tantas pessoas? Até que ponto "acreditarmos em algo" nos pode ajudar a caminhar nesta selva escura...?

Parte significativa do meu pensamento ocupa-se dos momentos de complexidade da nossa vida. Porque há aquela chamada normalidade e depois há momentos de encruzilhada, momentos em que nos sentimos especialmente interrogados. Ou porque atravessamos uma determinada estação interior, ou pela própria idade, ou pelos acontecimentos, ou pela envolvente do próprio mundo e do tempo. O certo é que, às vezes, somos levados a um questionamento mais profundo acerca da nossa humanidade. E por isso esse verso de Dante - a meio da vida entrei numa selva escura. Eu penso que não há ninguém que não saiba o que é entrar nessa selva entrelaçada e obscura onde as coisas deixam de ser completamente claras. Mas esses momentos, tal como aquele em que vivemos, constituem também oportunidades. Não há crescimento sem crise e não há crise sem sofrimento. Se aplicarmos isso, não apenas a nível do país ou da economia, mas ao crescimento e à maturação pessoal, percebemos que os ciclos de crise são momentos, sem dúvida dolorosos, porque nunca estamos preparados para eles; mas ao mesmo tempo representam grandes oportunidades de abertura, de conhecimento, de

maturação. Existe uma autora francesa que diz, com razão, que "as crises são grandes mestres e ouvindo-as ouvimos uma parte secreta do nosso coração."

Até que ponto podemos exercitar esta actividade de nos auto-descobrirmos?

Eu penso que a cultura contemporânea, se por um lado parece distrair-nos muito nas propostas de consumo, quase atordoantes, por outro não deixa de lançar o desafio a uma procura interior. Porque a grande riqueza, o grande potencial que trazemos, não é apenas o da produção exterior que fazemos, que sem dúvida tem o seu significado, mas é a descoberta da nossa própria humanidade. Sentir que somos, não apenas que temos, mas que somos realmente e que há uma digestão interior da própria vida e há uma série de questões, de janelas que se abrem, de mundos que se entreabrem dentro de nós. E sentir que damos espaço a isso. Um exemplo desta mudança de paradigma, e de maior atenção à vida espiritual, é o dos caminhos de peregrinação. Hoje os velhos caminhos de peregrinação - falo de Santiago, de Fátima e de outros internacionais - voltaram a encher-se de vozes. Quer dizer que há uma disponibilidade maior para tentar a própria escuta profunda daquilo que nos habita.

in Ideias em Estante

Missão em todos os momentos

- Am 7,12-15 “Chamou os Doze, começou a enviá-los dois a dois e deu-lhes poder sobre os espíritos malignos. Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado: nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto; que fossem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas. E disse-lhes também: «Em qualquer casa em que entrardes, ficai nela até partirdes dali. E se não fordes recebidos numa localidade, se os seus habitantes não vos ouvirem, ao sair de lá, sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles.” Mc 6,7-12
- Sal 84
- Ef 1,3-14
- Mc 6, 7-13

Hoje Deus continua a chamar-nos por entre o rebanho, através das nossas seguranças, passatempos, trabalhos, comodidades e descanso...

Cada vez mais a “messe” é maior e os trabalhadores são menos.

Tu e eu acreditamos que a necessidade de evangelização é muito grande?

Tu e eu acreditamos que podemos ser trabalhadores?

Se somos capazes de fazer estas perguntas, não as respondamos a partir de nós mesmos, esperemos que seja Jesus quem nos responda.



Tempo de Verão, tempo de descanso e tempo de missão.

Para aqueles a quem o Senhor tirou dos nossos “rebanhos” e enviou a dar a Sua mensagem, não há desculpas. Nenhum de nós era profeta nem apóstolo, nem tampouco o era Amós, nem Pedro nem os doze. A Amós Deus disse: “Vai e profetiza ao meu povo de Israel”. A Pedro, o pescador da Galileia, Jesus disse-lhe: “Serás pescador de Homens”.

No evangelho de hoje, São Marcos relata-nos como Jesus envia os seus apóstolos dois a dois, “aparentemente sozinhos”, para fazer uma primeira experiência de missão. Até agora têm ido sempre com o Mestre, mas agora vão ter que aprender a perder o medo e a confiarem Nele e na Sua palavra. Terão que aprender como, pondo eles o pouco que têm, são capazes de curar doentes, expulsar demónios e fazer grandes obras em nome do Senhor.

O Evangelho conta que pouco tempo depois regressaram cansados mas felizes desta experiência.

Aprendem também que a mensagem de salvação de Jesus foi posta nas suas mãos, mas que é uma coisa Dele, e que é Ele quem o leva para a frente. Por isso, não devem contar com muitos apoios nem seguranças humanas: “sem pão, nem alforje, nem dinheiro..., nem muda de Túnica...”, para que se veja, como disse São Paulo, que o poder é Deus, que a eficácia que a missão dá, a dá Deus.

Mas a eficácia nem se dá, se cada um não arriscar a confiar totalmente no Senhor, e superando o medo, a cobardia, o cansaço ou a pouca fé, sai a dar a palavra salvadora; essa palavra que hoje continua a ser capaz de curar muitos

doentes; iluminar muitos cegos; levantar muitos derrotados; devolver a ilusão e a vida a muitos corações desesperançados!

Também hoje há pessoas que arriscam a sair de uma vida confortável e segura para irem dar gratuitamente o seu tempo, os seus conhecimentos, a sua ajuda..., a doentes, a marginalizados, imigrantes, necessitados de todo o tipo.

Mas a colheita é muita e os trabalhadores são poucos; por isso, o Senhor continua a chamar-nos e volta a confiar-nos a sua missão. Saímos para o “mundo” sem temor, em Seu nome e com o Seu poder, sem muitos apoios humanos só confiando Nele: muitos dos nossos irmãos necessitam de nós, esperam por nós e Jesus quer que a todos chegue a sua palavra salvadora!

Acção Missionária

São muitos os que no Verão se sentem chamados a realizar um acção missionária. Há jovens, adultos, até mesmo famílias que se unem a projectos fraternos durante as suas férias de Verão. Conheço um grupo que trabalha desde há alguns anos num projeto num povoado Boliviano. Regem-se pelo lema “Fazer o bem sem fazer barulho”. Os seus membros querem que este lema envolva todos os seus critérios de actuação: “ O ruído é o inimigo do silêncio e o silêncio é um lugar privilegiado para escutar o outro, onde se produz o encontro e surge a vida”.

Esta associação aposta numa cooperação muito personalizada, porque “ o mais importante e central na nossa missão, cujo fundamento é o evangelho, a moral e a Doutrina Social da Igreja, é a pessoa em si, com sua própria realidade, assim partilhamos as suas inquietudes, seu futuro, seu destino e o sentido e significado da sua vida.



Estes universitários que realizam esta missão, descobriram que olhando os olhos dos jovens que vivem no povoado boliviano e dizer-lhes “tu tens valor”, abrem-se um sem número de possibilidades insuspeitáveis em que estes rapazes, apesar da sua pobreza material, convertem-se num novo e importante factor para a sua família, para a sua realidade social e sua paróquia. Um dos responsáveis deste projecto disse que desde pequeno, na escola, quando os visitou um missionário e lhes explicou as suas vivências através de um vídeo, aquelas imagens tocaram a sua vida e o seu coração, sem nunca mais as esquecer, nem tão pouco esqueceu o que pensou nesse dia: “algum dia também serei missionário”. E é assim como se sente, missionário da vida, missionário que leva a dignidade a outros jovens, missionário que lhes diz: “Tu vales”, tu és importante porque és Filho de Deus, que é amor e dignidade, por isso não podes ficar pelo pouco e deves aspirar ao muito.

Artigo da revista “Super Gesto “, Maio-Agosto 2012

Saber olhar

- Jer 23, 1-6 «Os Apóstolos reuniram-se a Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado. Disse-lhes, então: “Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto e descansai um pouco.” Porque eram tantos os que iam e vinham, que nem tinham tempo para comer. Foram pois, no barco, para um lugar isolado, sem mais ninguém. Ao vê-los afastar, muitos perceberam para onde iam, e de todas as cidades acorreram, a pé, aquele lugar, e chegaram primeiro que eles. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou, então, a ensinar-lhes muitas coisas»
Mc 6, 30-34
- Sal 22, 1-6
- Ef 2, 13-18
- Mc 6, 30-34

Os pastores da casa de Israel são censurados porque não cuidam devidamente das suas ovelhas, utilizam-nas para seu próprio proveito e não actuam com generosidade. Hoje que fazemos?

Jesus não põe as suas necessidades e a dos seus como prioridade, são os outros quem organiza a sua vida. Com que critérios organizo a minha vida e programo as minhas férias?



Com muitos anos de diferença, mesmo séculos, as leituras do Antigo Testamento e a do Evangelho falamos da mesma coisa: daqueles responsáveis, os que têm a missão de guiar, dos pastores (dito em termos bíblicos) dos quais as leituras dizem que por vezes são irresponsáveis e que se esquecem dos seus.

Vinte séculos depois o que acontece? Como naqueles tempos, há de tudo. Mas não vamos falar dos outros, vamos reflectir sobre nós. Sim, falemos de ti que estás a ler estas pistas e de mim que estou agora a rezar, tanto tu como eu estamos chamados e somos desde o baptismo apóstolos, missionários, pastores. Que fazemos? Responsabilizamo-nos?

A madre Teresa de Calcutá tinha uma expressão que eu recorde muitas vezes “Dar até doer” e a verdade é que para mim não é uma expressão fácil de viver. Dar, entregar-se, responsabilizar-se... Até certo ponto, a minha comodidade, os meus trabalhos, as minhas preocupações, o meu tempo tão ocupado, tão cheio de actividades me faz dizer “já, até aqui, não mais, não posso, não quero sentir a dor, não quero sentir o cansaço, não quero sentir o aborrecimento”... Então, é quando ressoa em mim o que expressou Caim: “Acaso sou eu o guardião do meu irmão? Acaso sou eu o pastor que devo estar de vigia da manhã à noite para que o outro viva, esteja alegre, que tenha sentido para a sua vida, que seja feliz, que tenha as suas necessidades resolvidas, que conheça Deus? Tenho que ser eu, quem se ocupa e se preocupa com os outros?”

Quando vivo esta situação, surgem em mim mil e uma justificações. Já o fiz uma outra vez, já não tenho força, já não

posso mais, preciso de férias, estou muito cansado.

Jesus no evangelho também sente falta de força, tem necessidade de descanso, por isso propõe aos seus um plano de tranquilidade, ir a um lugar onde eles poderiam falar sozinhos, onde não encontrassem ninguém, onde os rostos não falassem de desesperança, de doenças, de falta de vida porque só assim é que conseguiriam descansar e reunir de novo forças para amar.

Esses eram os planos, nada egoístas, mas sim necessários, ninguém pode dar o que não tem e eles já precisavam de encher o coração dos ensinamentos de Jesus.

Uma coisa é o que projectamos e outra bem diferente é o que realmente podemos fazer. Na verdade parece que a necessidade que os outros têm é mais urgente.

Jesus e os seus encontram de novo uma multidão infeliz, doente, necessitada de vida e amor. Jesus diante esta realidade não pode fechar os olhos, a sua cabeça não pode deixar de pensar e o seu coração não pode deixar de amar. As pessoas procuram-no porque Ele escuta, cura, fala-lhes ao coração, fala-lhes da esperança e da motivação para viver.

Onde estão os pastores, os catequistas, os responsáveis de grupos, os que deveriam estar ao lado da sua gente apoiando e amando, dando a vida se fosse preciso? Onde estás tu evangelizador desde o batismo? Peço a Jesus o seu olhar, que me ensine a ver a necessidade do outro, a ter um coração capaz de sentir paixão, compadecer-me pelos que andam desorientados.

Hoje, peço a Jesus que a minha relação com Ele me comprometa com os meus irmãos.

Até dar a vida

O irmão Pedro Manuel Salado, missionário no Equador, é considerado “Um herói, impulsionado pelo amor e a caridade”. No domingo 5 de Fevereiro de 2012, dia da vida consagrada, decide passar a manhã com os meninos acolhidos no seu lar numa praia nos arredores.

O irmão ensinou aos meninos que deviam ter cuidado com as ondas e os perigos do mar.



Em alto mar, duas correntes submarinas chocaram e produziram uma grande onda que correu velozmente até a beira-mar. Os meninos que brincavam animadamente não se aperceberam do perigo e são arrastados pelo mar para o mar.

Os gritos alertam o irmão Pedro que, sem pensar duas vezes, se lança ao mar. Na sua cabeça só um pensamento: “tenho que salvar os meus meninos”

Assim o faz, foi tirando do mar um a um. Quando salvou os dois últimos, o irmão Pedro caiu na areia. O seu coração de 43 anos não resistiu ao tremendo esforço de lutar com o mar para lhe arrancar os seus meninos. Valente e generoso até o fim, entregou a sua vida por aqueles que ama.

Na missa do seu funeral o Bispo disse “Morreu como viveu, entregando-se a Deus e às crianças”

Artigo da revista “Super Gesto “, Maio-Agosto 2012

Confiar em Ti

- 2 Re 4, 42-44 “(...) diz o Senhor: «Comerão e ainda sobrarão.» Ele colocou os pães diante deles. Todos comeram e ainda sobejou, como o Senhor tinha dito.(...)” 2 Re 4, 43-44
- Sal 144, 10-11. 15-16. 17-18 “(...) Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação os chamou a uma só esperança; um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; um só Deus e Pai de todos (...)” Ef 4, 4-6
- Ef 4, 1-6 “(...) Disse a Jesus um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro: 9 «Há aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?» (...)” Jo 6, 8-9
- Ev Jo 6, 1-15

Senhor, onde começa a minha desconfiança no Teu poder e na Tua capacidade de mudar a história da Humanidade?

Reconheço-me como homem de pouca fé... Senhor, acredito que Tu estás verdadeiramente presente e activo no latejar do mundo?



o rezar a Palavra de Deus deste Domingo apercebo-me de que, historicamente, é transversal a desconfiança do ser humano relativamente ao Seu convite!

O convite que o Senhor nos faz é, de base, sempre o mesmo: que vivamos e vivamos em abundância! No entanto, experimento na minha vida que, muitas vezes, nem são as próprias circunstâncias quotidianas que me limitam e me fazem viver com menos alegria, de forma menos autêntica. É a minha perspectiva (curta), como me posiciono sobre essas mesmas situações, que me “tiram” vida.

De facto, a medida do Senhor é muito maior do que a nossa! Esta diferença pode explicar a desconfiança da Humanidade face ao Seu compromisso para conosco que nos garante um reino de abundância.

Possivelmente, o conceito da abundância do Senhor não é exactamente igual ao meu ou ao de André, irmão de Simão Pedro, ou mesmo ao do servo de Eliseu, conforme relatado no Antigo Testamento.

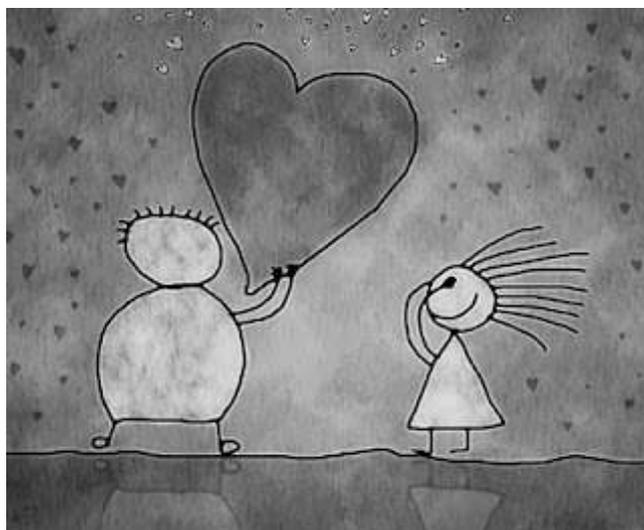
O Senhor chama-nos a viver na abundância do essencial! O ser humano muitas vezes teima em viver na abundância do acessório, esquecendo-se do que é fundamental.

A divergência do conceito ainda se distancia mais quando nós reformulamos o significado de “essencial”, enchendo-o de opções acessórias, mudando a raiz do que é essencial para mim – “Se não vives naquilo em que acreditas, acabas por acreditar naquilo que vives!”

O Senhor convida-nos a uma abundância que inclua todos os homens, sem excepção, o que passa por uma consciência de

bem comum e de que o que cada um possui não é só seu. São dons que o Senhor nos coloca nas mãos e temos a missão de os gerir do melhor modo e não de os guardar só para nós!

A primeira leitura e o Evangelho deste Domingo falam-nos desta atitude. Cada vez tenho mais a certeza que o maior dos milagres de Jesus foi a conversão do coração dos homens e mulheres com quem se cruzou. Há quem defenda que o maior milagre de Jesus, o chamado “milagre da multiplicação dos pães”, ocorreu pela capacidade das pessoas, após O escutarem, partilharem tudo o que dispunham, transformando o pouco de cada um em muito (mais do que o suficiente) para todos! A partilha não passou pelo pão e pelos peixes mas foi muito mais do que isso. Tratou-se de partilha de coração entre todos! Quando se criam relações de fraternidade criam-se as pontes necessárias entre os homens para que existam verdadeiros milagres! O maior deles é viver no Reino que Deus nos oferece sempre! Basta-nos confiar Nele!



Eu confio em Ti 

*Eu confio em ti, Senhor,
e digo: És o meu Deus.
Tens em Tuas mãos o meu destino,
livra-me dos meus inimigos.
Salva-me por Teu amor,
salva-me por Teu amor!
Livra-me, Senhor.*

*Bendito sejas Senhor, meu Deus,
que me deste maravilhas de amor.
Eu que dizia preocupado:
"porque me tens abandonado?",
mas Tu ouves minha voz.
Ouvirás a voz da minha prece,
quando clame a Ti, Senhor.*

Eu confio em Ti, Senhor ...

(Música baseada no Salmo 31)

Ser... Ser Cristão... Ser Cristão em Comunidade

- Ex 16, 2-4.
12-15; «É isto, pois, o que digo e recomendo no Senhor:
não volteis a proceder como procedem os gentios,
no vazio da sua mente. Vós, porém, não foi assim
que aprendestes, ao conhecerdes a Cristo, supondo
que dele ouvistes falar e nele fostes instruídos,
conforme a verdade que está em Jesus: que deveis,
no que toca à conduta de outrora, despir-vos do
homem velho, corrompido por desejos enganadores;
que vos deveis renovar pela transformação do
Espírito que anima a vossa mente; e que deveis
revestir-vos do homem novo, que foi criado em
conformidade com Deus, na justiça e na santidade,
próprias da verdade.» Ef 4, 17. 20-24
- Sal 77, 3 e
4bc. 23-24,
25.54
- Ef 4, 17. 20-
24
- Jo 6, 24-35

Escolho a minha vida ou deixo essa tarefa aos outros, ao mundo, ao acaso?

O que gostaríamos de oferecer à comunidade onde estamos para que ela seja mais próxima daquilo que sonhamos para o mundo?



e não escolho, mais do que viver serei vivido e terei de me confrontar com aquilo que outros escolheram (...) sabendo que sou muito mais do que a minha escolha” (José Garcia Monge, in Elegir mi vida)

A vida é feita de opções (pessoais e colectivas, conscientes e inconscientes, racionais e emocionais, ...), mas a maior delas é escolher para ser quem sou, ser quem quero ser. Posso ou não optar por tomar as rédeas da minha vida e estabelecendo prioridades e assumindo os riscos, comprometer-me com a opção assumida. Não fazê-lo é também uma opção... E hoje em dia que se vive cada vez mais um medo pelo compromisso, é ainda mais difícil e exigente ser capaz de trilhar um caminho único e autêntico, que responda às necessidades e inquietações mais profundas do nosso ser.

Somos seres em constante diálogo com a realidade. A vida, o mundo que habitamos, não é um acontecimento individual, mas sim um caminho colectivo. Como seres humanos, precisamos vitalmente dos outros para crescer, aprender a amar e ser pessoa.

Por isso, ser cristão é uma resposta às necessidades antropológicas do Homem, as quais se podem sintetizar da seguinte forma (Cian, 1990):

- necessidade que cada um tem de ser ele mesmo;
- necessidade de “ser mais”;
- necessidade de se proteger;
- necessidade de se refazer.

A resposta a cada uma destas necessidades vitais pressupõe um processo, um caminho que é simultaneamente individual e

colectivo. Por isso, viver como cristão é ser família, ser comunidade! E é esta força dinamizadora de ser cristão em comunidade que é para mim sinal de esperança – a certeza de que é possível um mundo melhor, mais justo e fraterno. Como sintetiza um provérbio africano “sozinhos vamos mais depressa, mas juntos vamos mais longe”. Juntos temos um potencial imparável, inigualável. Fazemos parte de um projecto maior, onde a experiência do amor ao próximo como a si mesmo é crucial. Por isso, cada vez mais me convenço de que a minha felicidade passa, sem dúvida, por um projecto e compromisso pessoal, mas também pelo desejo de construir fraternidade nos grupos onde me movo, em todos os espaços e com todas as pessoas com que me relaciono.

E é na relação com Deus que sou capaz de levantar a cabeça do meu umbigo, tirar de dentro de mim o melhor que tenho, capacitar-me para fazer o que sozinha nunca seria capaz – amar de forma mais solidária e gratuita, orientada para o bem-comum. Na minha experiência de comunidade cristã, na minha paróquia, construí laços mais fortes do que com a minha própria família de origem. Com o auxílio da minha comunidade, com tudo o que temos de bom e menos bom, orgulho dos passos, dos projectos, dos sonhos que temos juntos, dos muitos que vivem de forma mais feliz e plena! E tudo isto acredito que é possível graças à relação com um Deus que é fonte inesgotável de amor. É de facto na oração que encontro a capacidade de retomar, de me refazer, de voltar a tentar uma e outra vez viver mais, viver melhor. Como diz a Palavra, “revestir-vos do homem novo, que foi criado em conformidade com Deus, na justiça e na santidade, próprias da verdade”.

A arte de escolher a vida

A vida é projecto, tarefa, chamamento e dom. Escolher a minha vida supõe eleger a quê ou a quem quero dar a minha vida. Implica, primeiro, que a minha vida é minha segundo, que posso dá-la, perdê-la, somente se é minha; e ao dá-la dou-me, perco-me e, talvez, gozosamente, encontro-me.

Escolher a minha vida é difícil, Primeiro há que acolher a vida, assumir a vida; segundo, identificar a autenticidade da minha vida. A necessidade de identificação racional e afectiva exige diálogo, confrontação, comunicação e solidão. Escolher a minha vida exige dizer SIM e NÃO. Decidir-se a habitar a própria vida é escolher o caminho de ser feliz, sabendo que pela vida passa a dor e o gozo, e que não posso fugir da minha vida quando aparece o fantasma da dor, nem posso alienar-me no suposto gozo.



Não é fácil saber gozar nem saber sofrer vivendo em coerência e fidelidade a mim mesmo e às causas a que entreguei a minha vida. Escolher a minha vida é um imperativo de pessoa madura, mas sabendo que tem relação a tempo, crises, momentos; é importante saber desdramatizar. Eleger sem grandiloquências que desfigurariam a verdadeira estatura da minha vida, importante, mas não absoluta. Escolher é o prólogo duma existência autêntica; mas por eleger não me vou converter no umbigo do mundo. A obsessão auto-realizadora leva-me muitas vezes a erigir um monumento ao meu próprio eu, e então, mais do que escolher a minha vida, estou escolhendo-me a mim, ainda que com o risco de não viver nem viver-me.

O perfeccionismo é uma incapacidade de eleger. É verdade que na cultura actual temos tão imensa pluralidade de modelos que dificultam uma eleição coerente. Mas, ao mesmo tempo que a dificultam, possibilitam-na como livre. Quer dizer, a pluralidade de modelos torna difícil o acto de escolher, mas garante que a eleição será exactamente, o mais aproximadamente possível o que eu quero para mim. É mais fácil comprar na loja duma pequena aldeia do que no grande armazém da cidade; e, todavia, ainda que seja mais fácil eleger, nem por isso é mais fácil aceitar. Escolher a minha vida é escolher as condutas, a acção que traga mais autenticidade ao diálogo com a realidade, num diálogo que me dará informação sobre as minhas capacidades, motivações, valores. Escolher a acção ciente de que sou maior do que a minha acção, de que a minha vida não cabe nos meus factos, ainda que se expresse através deles.

Escolher a “minha” vida, José A Garcia-Monge

Imitadores de Cristo

- 1 Reis 19, 4-8 “E não ofendais o Espírito Santo de Deus, selo com o qual fostes marcados para o dia da redenção. Toda a espécie de azedume, raiva, ira, gritaria e injúria desapareça de vós, juntamente com toda a maldade.
- Salmo 33 (34) Sede, antes, bondosos uns para com os outros, compassivos; perdoai-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo.
- Ef 4, 30-5, 2 Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos bem amados, e procedei com amor, como também Cristo nos amou e se entregou a Deus por nós como oferta e sacrifício de agradável odor.” Ef 4, 30 – 5, 2

S. Paulo diz-nos que fomos marcados com um selo. Será que fomos? Será que conseguimos ser diferentes no meio da multidão?

O Senhor convida-nos a ser imitadores de Cristo, nas nossas vidas, em cada coisa, em cada ação que praticamos, em cada pedaço da nossa vida, a deixarmos que o “selo” com que nos marcou se mostre ao mundo.

Como estou disposto a mostrar este Cristo que me habita?



Paulo diz-nos que fomos marcados com um selo? Será que fomos? Será que conseguimos ser diferentes no meio da multidão? Conseguimos deitar fora o mal que temos? Conseguimos deitar fora o mal que vemos nos outros? É mais fácil criticar, dizer mal de quem nos rodeia, do que ver o lado positivo das coisas.

Jesus via o bom que havia em cada uma das pessoas que passava por Ele. Fazia que viesse ao de cima o bom que havia em cada um. Quando olhava para um pecador, via-o como um homem, como um irmão, como uma pessoa com todo o potencial para ser feliz e fazer os outros felizes. Todos temos o potencial para sermos felizes, mesmo estando em situações difíceis: em situações de doença, de pobreza, de tristeza... “Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2 Coríntios 12:10) Pode ser difícil de entender à primeira vista esta frase, mas pensando bem, é nos momentos mais difíceis que temos que dar o melhor de nós, e aí somos fortes!

Paulo nesta parte da carta aos Efésios exorta a união entre os cristãos. Isto faz-me lembrar o que se passa com a União Europeia. A União Europeia nasceu no seguimento da 2ª Grande Guerra como um projeto de paz, de crescimento, de União entre diferentes países. Neste momento estamos a pôr em causa esta União. Será que os Europeus não foram marcados pelo selo? Há alguma dúvida que vivemos melhor, mais felizes, todos crescemos mais se estivermos unidos? Se nos perdoarmos mutuamente? Por vezes no meu trabalho fico baralhada pois parece que há pessoas que ainda não perceberam que um bom ambiente em que deitamos fora “azedume, raiva, ira, gritaria e injúria” é um ambiente muito mais saudável em que todos podemos ser mais felizes e até mais produtivos.

Todos os dias devemos ser um pouco imitadores de Deus. Em tudo o que fazemos podemos pôr o Amor de Cristo, a vida oferecida de Cristo, o sacrifício de Cristo. Em tudo o que fazemos devemos pôr o selo de Cristo: a bondade, a compaixão, o perdão.

Vivo num sítio onde a religião é muitas vezes essencialmente folclore. Fazem-se procissões, promessas, romarias, festas, vai-se à missa ao domingo e depois o que fica dentro de nós? Dentro de cada um? Parece que se sai daqueles rituais sem nenhum selo. Ponhamos sentido naquilo que fazemos. Desde as pequenas às grandes decisões, deixamos que Cristo participe nelas.



Me amou e se entregou por mim



*Peço uma oportunidade
para ver o que ficou da minha vida
Creio que posso chegar a amar,
mostra-me os Teus caminhos Jesus*

*Pode na vida existir um amor
que consiga vencer meus impossíveis,
sem limites na hora de amar?
É na cruz que mo dizes Jesus*

*Onde encontro liberdade
Tu pagaste por mim
o resgate da minha vida,
e olhando p'ra cruz entendo os Teus porquês
a Tua razão ao dar a vida*

*ME AMOU E SE ENTREGOU POR MIM
PARA ME DAR A VIDA COM A SUA VIDA
PARA DIZER AO MUNDO QUE O AMOR É O CAMINHO
QUE A VIDA QUE SE ENTREGA GERA VIDA
À FORÇA DE AMOR*

*Penso que agora posso viver
seguro de um Amor que não se acaba
e quero repetir esta loucura de Amor
seguindo-Te bem de perto Jesus*

*TE AMOU E SE ENTREGOU POR TI
PARA TE DAR A VIDA COM A SUA VIDA
PARA DIZER AO MUNDO QUE O AMOR É O CAMINHO
QUE A VIDA QUE SE ENTREGA GERA VIDA
À FORÇA DE AMOR*

"Vede como andais"

- Prov.9, 1-6 “Vede bem como procedeis. Não vivais como insensatos, mas como pessoas inteligentes.
- Salmo 33, 2.3,10.11, 12-13.14-15 Aproveitai bem o tempo, porque os dias que correm são maus. Por isso não sejais irrefletidos, mas procurai compreender qual é a vontade do Senhor. Não vos embriagueis com o vinho, que é causa de luxúria, mas enchei-vos do Espírito Santo, recitando entre vós salmos, hinos e cânticos espirituais,
- Ef.5, 15-20 cantando e salmодиando em vossos corações, dando graças, por tudo e em todo o tempo, a Deus Pai, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.” (Ef.5, 15-20)
- Jo 6, 51-58

“Naquele tempo, disse Jesus à multidão: «Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que Eu hei-de dar é minha carne, que Eu darei pela vida do mundo». Os judeus discutiam entre si: «Como pode Ele dar-nos a sua carne a comer?». E Jesus disse-lhes: «Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia. A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele. Assim como o Pai, que vive, Me enviou e Eu vivo pelo Pai, também aquele que Me come viverá por Mim. Este é o pão que desceu do Céu; não é como o dos vossos pais, que o comeram e morreram: quem comer deste pão viverá eternamente». (Jo, 6, 51-58)

Vivemos num mundo e numa sociedade que nos classifica por aquilo que fazemos e não pelo que somos. A vida leva-nos a um ritmo alucinante, mas deixa-nos cada vez mais vazios... De que me alimento? A quem confio a minha vida? Quem me habita?

**“Não vivais como insensatos, mas como pessoas inteligentes. Aproveitai bem o tempo, porque os dias que correm são maus.”
Realmente os dias são maus, mas podemos sempre recuperar o tempo, resgatar a nossa essência, acreditando que Tu estás, Tu tens uma resposta... Tu farás em nós!**

Vede como andais”... este foi o ponto de partida para estas pistas: tenho olhado muito à minha volta: trabalho com uma pessoa que é profundamente só, mas que tem o sonho de casar e ter filhos; tenho um familiar que é visto como exemplo de sucesso profissional, mas que quando os filhos estão doentes não pode ficar com eles, porque não pode faltar ao trabalho - tal poria o mesmo em causa! Conheço algumas pessoas que, apesar do dinheiro e bem-estar que têm, são profundamente infelizes, pouco realizadas... tão vazias! Comecei a reparar que quando não vemos uma pessoa há muito tempo perguntamos-lhe: “então o que é que estás a fazer?”. Mas agora, com tantos desempregados, como vivemos esta frustração? Como vivemos num mundo e numa sociedade que nos classifica por aquilo que fazemos e não pelo que somos? Que respostas temos para estas pessoas?

Olho para mim própria, tento olhar para mim com os olhos de Deus: eu, insignificante, mas única aos olhos de Deus e, apesar de tudo, o Senhor tem-me dito: “Tu és abençoada!”. Eu pergunto-me: se assim é, porque não consigo viver cada

dia como uma bênção? “não vos embriagueis com vinho”, não procures encher a cabeça de ideias de sucesso que não te vão levar a lado nenhum, nem te vão trazer grande felicidade... Não enchas a tua vida de coisas e de actividades, não enchas os dias dos teus filhos de actividades porque o que eles querem é poder estar contigo!... Descobre aquilo que te realiza, que te faz feliz. Vive como o sábio e procura “compreender qual é a vontade do Senhor”. “Tu és abençoada”, diz-me o Senhor – então porque não consigo viver cada dia como uma bênção? Uma bênção porque sou casada com alguém que amo, que escolhi, que aceitou viver comigo o sonho da paternidade adoptiva, que o vive plenamente, que me realiza... abençoada porque todos os dias vivo o sonho que tive de ser mãe, nas pequenas coisas, nos pequenos gestos, nas descobertas das qualidades e defeitos de cada um deles; nas conquistas que todos vamos fazendo enquanto família. Enquanto partilhava esta minha oração com a minha revisão, uma missionária disse-me: o importante não é sentires-te abençoada, é saber que és abençoada!... Sim, aprender a viver como quem acredita que é abençoada, ainda que haja alturas em que não o sinto! Porque pomos tantos entraves a viver a vida a que o Senhor nos convida?

O que me trouxe outra pergunta: onde procuro a vontade de Deus? Às vezes nos outros, naquilo que eles dizem sobre Ti, na experiência de oração que têm, ao testemunhar os passos de fé que vão dando... No meu caso, também no que vou lendo e descobrindo sobre Ti... Acima de tudo, tenho de aprender ou re-aprender a encontrar a vontade de Deus na Palavra, na minha oração – porque só Tu chegas ao meu interior, ao mais profundo, ao mais íntimo, aos meus sonhos!

«E o pão que Eu hei-de dar é minha carne que Eu darei pela vida do mundo» ” – Tu dás-nos a Tua carne, Senhor, não aquilo que te sobra, não o que não te faz falta, mas partilhas connosco a tua essência; aquilo que te constitui, que te forma, que te permite viver e abraçar a vida! E nós? Também nós somos chamados a dar a nossa essência aos outros – quando tantas vezes partilhamos apenas a superficialidade e não aquilo que nos torna únicos e que nos constitui! Por isso, tantas vezes nos sentimos frustrados, porque não vemos frutos... quando tantas vezes não damos o melhor de nós, a nossa essência, a nossa capacidade de amar – e de amar bem o que nos enche de esperança!

Comecei este ano litúrgico com o desafio que nos lançaram no advento: “Faça-se em mim”. Este desafio tem-me acompanhado ao longo dos meses e a ele sempre volto porque desde o primeiro momento o Senhor me incita a fazê-lo na minha vida: nas minhas 24h, na minha família, no meu trabalho... Agora acabou de tomar outra dimensão, porque o Senhor me tem dito: “faça-se em ti, para que se possa fazer nos outros”. Que esperança transportamos no nosso dia-a-dia?

A humildade de Deus

Ouvi contar esta história. Uma criança com toda a naturalidade, voltou-se para Deus e perguntou-lhe: "E tu, o que é que queres ser quando fores grande?" "Pequeno", respondeu-lhe Deus, também com toda a naturalidade.

Os homens querem ser grandes, mas a grandeza de Deus está em tornar-se pequeno, em dar a vida, em desaparecer pelo bem do outro.

Vasco Pinto de Magalhães em "Não há soluções, há caminhos "



É o Espírito quem dá vida!

Js 24,1-2-15-18b Depois de o ouvirem, muitos dos seus discípulos disseram: «Que palavras insuportáveis! Quem pode entender isto?» Mas Jesus, sabendo no seu íntimo que os seus discípulos murmuravam a respeito disto, disse-lhes: «Isto escandaliza-vos? E se virdes o Filho do Homem subir para onde estava antes? É o Espírito quem dá a vida; a carne não serve de nada: as palavras que vos disse são espírito e são vida. Mas há alguns de vós que não crêem.» De facto, Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que não criam e também quem era aquele que o havia de entregar. E dizia: «Por isso é que Eu vos declarei que ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai.» A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele. Então, Jesus disse aos Doze: «Também vós quereis ir embora?» Respondeu-lhe Simão Pedro: «A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso nós cremos e sabemos que Tu é que és o Santo de Deus.» Jo 6, 60-69

O Senhor desafia-nos a aceitar que o Seu amor transforma o nosso quotidiano. “É o Espírito quem dá vida, a carne não serve de nada...

As palavras que vos disse são espírito e vida”(Jo 6, 62-64)

Como respondo a este desafio? Deixo-me interpelar? O que tenho de trabalhar em mim para ser capaz de acolher este desafio? Para me deixar transformar pelo Seu Espírito?

"Ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai" (Jo 6,65). Jesus confirma-nos que, sem a experiência pessoal de nos sentirmos amados incondicionalmente, não vivenciamos a experiência de ser salvos. Sou capaz de fazer esta experiência? O que me falta para poder sentir-me assim?



As leituras de hoje recolocam-nos no coração da nossa experiência com Deus.

Como qualquer outra relação, a nossa relação com Deus vive momentos altos e baixos, de fidelidade e infidelidade, momentos de crise profunda, também de encruzilhadas que exigem decisões radicais.

Esta é a experiência do Povo de Israel narrada pelo livro de Josué. Também é a grande interpelação que o evangelista João nos oferece pela boca de Jesus: "Isto escandaliza-vos? É o Espírito quem dá vida, a carne não serve de nada... As palavras que vos disse são espírito e vida"(cfr Jo 6, 62-64)

Há muitos momentos em que o nosso horizonte se abre. A luz que chega até nós é autêntica, mas é preciso aceitá-la no quotidiano, na nossa existência. Isso torna-se custoso.

O amor é grandioso. Ao mesmo tempo é trabalhoso.

Jesus confirma-nos que, sem a experiência pessoal de nos sentirmos amados incondicionalmente, não vivenciamos a experiência de ser salvos. Jesus diz-nos: "Ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai". (cfr Jo 6,65)

Jesus introduz-nos no interior do nosso processo pessoal mais íntimo. É a experiência única e intransferível de nos decidirmos e optar: " A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andaram com Ele". (cfr Jo 6, 66)

Todos os que seguimos a Jesus temos vários momentos na nossa vida que marcam a nossa autobiografia e que se transformam em marcas decisivas. Jesus, em diferentes alturas e de maneiras diversas, pergunta-nos no interior da nossa intimidade: "também tu queres ir embora?" (cfr Jo 6, 67)

Este diálogo entre Jesus e nós é crucial. A resposta não pode ser um pressuposto. A vida que surge da resposta é a que nos torna totalmente diferentes. A nossa vida terá um rumo determinado a partir desta resposta. Não há ambiguidades, nem meias tintas possíveis.

São Paulo, na sua epístola aos Efésios 5,21-32 coloca-nos no interior de uma determinada resposta.

AMA-ME COMO ÉS

*«Eu, teu Deus, conheço a tua miséria,
Os combates e as tribulações da tua alma,
A fraqueza e as enfermidades do teu corpo;
Conheço a tua frouxidão, os teus pecados, as tuas
falhas;*

Mesmo assim, eu te digo:

"Dá-me o teu coração, ama-me como és".

Se esperas ser um anjo para te entregares ao amor,

Nunca me amarás.

*Embora tornes a cair muitas vezes nessas faltas
que desejarias nunca conhecer,*

Embora sejas indolente na prática da virtude,

Não te permito que não ames.

Ama-me como és.

*Em cada instante e em qualquer situação em que te
encontrares,*

No fervor ou na aridez,

Na fidelidade ou na infidelidade,

Ama-me tal como és.

Quero o amor do teu coração indigente.

*Se, para me amares, esperas ser perfeito, nunca me
amarás.*

Meu filho, deixa-me amar-te, eu quero o teu coração.»

(Luís Rocha e Melo S.J. , em "Se tu soubesses o dom de Deus")

Viver com o coração o que o Senhor nos diz!

Dt 4,1-8

«Respondeu: «Bem profetizou Isaías a vosso respeito, hipócritas, quando escreveu: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Vazio é o culto que me prestam e as doutrinas que ensinam não passam de preceitos humanos.» Marcos 7, 6-7

Sl 14, 2-5

Tg 1, 17-21

Mc 7, 1-8.14-15.21-23

«Quem poderá, SENHOR, habitar no teu santuário? Quem poderá residir na tua montanha santa? Aquele que leva uma vida sem mancha, pratica a justiça e diz a verdade com todo o coração; aquele cuja língua não levanta calúnias e não faz mal ao seu próximo, nem causa prejuízo a ninguém; aquele que despreza o que é desprezível, mas estima os que temem o SENHOR; aquele que não falta ao juramento, mesmo em seu prejuízo; aquele que não empresta o seu dinheiro com usura, nem se deixa subornar contra o inocente. Quem assim proceder não há-de sucumbir para sempre.» Sl14

**Parece que a religião está cheia de leis... Faz isto! Não faça aquilo!
Porque é que será que o próprio Deus nos quer dar leis?
Será que Ele está interessado no castigo? Ou em fazer-nos a vida
ainda mais difícil...?**



Evangelho de hoje (Marcos 7, 1-8) mostra-nos como Jesus foi capaz de saltar muitas das leis religiosas do seu tempo. Estava a ser irreverente? Estava a descuidar os preceitos que o Pai tinha mandado? Nada disso. Jesus compreendeu o sentido profundo e religioso dos preceitos de Deus: “Ponde-os em prática para que vivais e chegueis a possuir a terra que o Senhor, Deus dos vossos pais, vos há-de dar.” (Deut 4, 1-8). Deus propõe uma forma de vida ao seu povo, porque deseja que eles tenham uma vida alegre, arejada, cheia de entusiasmo, em boa relação e paciência nos altibaixos da vida.

No entanto, muito facilmente se pode mudar o sentido da lei. Alguns pensam que com o cumprimento de todos os pontos e vírgulas conseguem acumular méritos e assim ganhar a aprovação de Deus. De tal maneira que já não acreditam no amor incondicional do Senhor. Com tal exagero, acabam por classificar, julgar e marginalizar as pessoas de acordo com o cumprimento da lei. Temos assim uma compreensão totalmente errónea. Deus quer que a sua lei nos encha de sabedoria e entendimento e não de castigo nem discriminação de pessoas.

Não será isso que muitas vezes acontece à nossa volta? Em que nós ou os outros pomos títulos e fazemos julgamentos das pessoas de acordo com o seu modo de viver, até mesmo a dar-lhes castigos ou fazer sentenças? Oxalá isso não acontecesse no seio da Igreja onde estamos chamados a viver o acolhimento misericordioso de Jesus.

Jesus é muito claro quando critica esta forma de viver a lei. Ele disse: «Bem profetizou Isaías a vosso respeito, hipócritas, quando escreveu: Este povo honra-me com os lábios, mas o

seu coração está longe de mim. Vazio é o culto que me prestam e as doutrinas que ensinam não passam de preceitos humanos. Descurais o mandamento de Deus, para vos prenderdes à tradição dos homens.» (Marcos 7, 6-7)

De acordo com o que Jesus diz, as palavras de Deus podem degenerar simplesmente em leis e preceitos humanos, numa busca de ser alguém, agradar aos outros e não ao Senhor. No entanto há outro extremo no entender da lei: a lei está para ser saltada, para não se cumprir porque não é importante e é um obstáculo para a felicidade. Também esta concepção leva a exageros e perigos. O querer ajudar-nos, através da sua palavra e dos seus ensinamentos, a descobrir qual o melhor caminho para a vida. Por isso uma atitude de “estar-me nas tintas” ou “eu é que sei o que é melhor” acaba por atraiçoar-nos e levar-nos por muito mau caminho.

É imprescindível ter a humildade de pedir luz na oração para poder habitar na casa do Senhor todos os dias da nossa vida, em todas os cantinhos do dia-a-dia. O salmo deste Domingo é uma clara mostra da lei do Senhor bem vivida, orada e celebrada.

Relendo o Salmo 14, peçamos ao Senhor ser capazes de entender com profundidade o sentido da sua lei, das suas palavras dirigidas às nossas vidas. Ele quer que possamos viver com sentido e alegria no meio de todos os desafios e que os outros possam encontrar em nós pessoas serenas, sabias e serviçais. Só por uma razão: porque seguimos e vivemos com o coração aquilo que o Senhor nos diz.

Um coração puro e límpido

A oração torna o coração puro. É este o começo da santidade. A santidade não é um luxo reservado a alguns: é um dom simples oferecido a vós e a mim.

Onde começa a santidade? Nos nossos corações. É por isso que temos necessidade da oração contínua para manter o coração puro e assim ele tornar-se-á sacrário do Deus vivo.

Deixar o amor de Deus tomar posse do coração, de forma total e absoluta, torna-se para o coração como uma segunda natureza. Que o coração não deixe entrar nada nele que seja contrário ao amor de Deus; que se esforce continuamente por aumentar este amor de Deus ao procurar agradar-Lhe em tudo e não Lhe recusando o que Ele pede; que aceite, como vindo da mão de Deus, tudo o que Lhe acontece; que tome a firme decisão de nunca cometer uma falta deliberada e conscientemente, mas se cair, que peça perdão e se levante imediatamente. Um coração assim reza continuamente.

O conhecimento de Deus produz o amor e o conhecimento de si próprio faz-se na humildade. A humildade é apenas a verdade. O que é que possuímos que não tenhamos já recebido? - pergunta São Paulo. Se recebi tudo, que bem é que tenho de mim mesmo? Se estamos convencidos disto, nunca ergueremos a cabeça com orgulho.

Se fordes humildes, nada vos tocará, nem o louvor nem o opróbrio, porque vós sabeis o que sois. Se vos culpam, não desanimareis. Se vos proclamam santo, não vos colocareis a vós próprios num pedestal. O conhecimento de nós próprios faz-nos ajoelhar.

Mudai os vossos corações...Não há conversão sem mudança de coração: mudar de lugar não é solução; mudar de actividade não é solução. A solução é mudar os nossos corações. E como os mudamos? Rezando.

A Esperança e a Firmeza cultivam-se na escuta

- Is 35, 4-7^a; «Fortalecei as mãos débeis, robustecei os joelhos vacilantes.
- Salmo 145 (146) Dizei aos que têm o coração indeciso: «Tomai ânimo, não temais!» Eis o vosso Deus, que vem para vos vingar. Deus vem em pessoa retribuir-vos e salvar-vos.
- Tg 2, 1-5; Então se abrirão os olhos do cego, os ouvidos do surdo ficarão a ouvir, o coxo saltará como um veado, e a língua do mudo dará gritos de alegria; porque as águas jorraram no deserto e as torrentes na estepe.
- Mc. 7, 31-37 A terra queimada mudar-se-á em lago, e as fontes brotarão da terra seca.» (IS. 35, 4.7)

Os ambientes onde nos encontramos não nos convidam a estar atentos ao nosso interior. Mas Deus vem ao nosso encontro: Ele já nos espera para nos levantar o olhar, para nos saciar, para nos dar esperança.

Deus conta connosco para colaborar com o Seu Espírito e para ajudar os outros no seu processo de libertação. Nos ambientes onde me movo, sinto-me amado e enviado por Deus Pai, que, por amor, quer contar comigo para semear amor, esperança, justiça e paz?

A quem me envias Senhor? Que sonhas para estas pessoas? Como queres semear o amor, a paz, a esperança?

No ano passado vivi uma situação de saúde que me trouxe debilidade física, e conseqüentemente alguma dificuldade em aceitar os limites. Tinha dificuldade em concentrar-me, em fazer caminhadas, em fazer tarefas domésticas, a ponto de ter de deixar de exercer por uns tempos a minha profissão. Durante este tempo experimentei alguma solidão, e a oração e a relação com Jesus foram decisivas para poder renascer.

Apercebi-me que se não fosse esta relação já criada de amizade, de escuta e de confiança, não seria por magia que me viria a paciência e a perseverança no caminho. Também pude ver frutos de fraternidade, consequência de sementes lançadas de vida, amor e fé.

Este ano, no grupo de jovens que acompanho, surgiu-me uma situação muito dura que tive de aprender a gerir. Lidar com o orgulho de alguém que se fecha na sua concha e na sua auto-suficiência custa imenso. Mas andando eu a entregar esta vida nas mãos de Maria e de Jesus, eis que surge uma palavra que me tocou por dentro. Foi durante uma viagem, enquanto escutava o silêncio do fim de tarde: «Essa doença da tua amiga não é de morte... É para glória de Deus.»

Ao deixar que estas palavras ecoassem em mim, invadiu-me uma Paz, que logo percebi que era a Paz do Ressuscitado. Nasceu em mim a esperança de que um dia aquela jovem se pudesse abrir e se deixasse ajudar para chegar a ser verdadeiramente livre, para se experimentar filha amada, não comparada, não abandonada, mas amada!

Apesar de Isaías 35 ser uma leitura do Antigo Testamento, pareceu-me que Jesus a dirigia agora a mim,

convidando-me a partilhar com outros o que Ele mesmo fez por mim.

Quantas pessoas encontras tu, e quantas pessoas encontro eu, que vivem sem esperança, sem ânimo, sem apoio e se sentem sós nos desencontros relacionais, profissionais e familiares?

Mas Deus está atento e desafia-nos a nós, seus amigos, a colaborar nesta missão de anunciar a Palavra com a vida e com o testemunho.

Os ambientes onde nos encontramos não nos convidam a estar atentos ao nosso interior. Apesar de termos sede de Infinito, preferimos muitas vezes a fuga e a alienação. Mas se em cada dia/semana encontrarmos na vida um tempo e espaço para Escutar a Sua Palavra, certamente que nos vamos aperceber que Deus vem ao nosso encontro. Ele já nos espera para nos levantar o olhar, para nos saciar, para nos dar esperança.

Sempre que paro e me fixo no Seu olhar, reencontro apoio, claridade, uma Palavra que sacia ou anima as minhas forças.



Deus conta connosco para colaborar com o Seu Espírito e para ajudar os outros no seu processo de libertação. E talvez nos sintamos como Moisés e digamos «Quem sou eu para ir ter com o faraó e fazer sair os filhos de Israel do Egípto?» (Ex 3, 11).

Mas de facto não sou eu, somos NÓS, pois Ele diz-me “Eu estarei contigo!” (Ex 3, 12).

Nos ambientes onde me movo, sinto-me amada e enviada por Deus Pai, que por amor, quer contar comigo para semear amor, esperança, justiça e paz?

Que hoje possamos viver mais atentos a este Deus comprometido com a nossa vida e com a vida de cada homem, e perguntemos: a quem me envias? Que sonhas para estas pessoas? Como queres semear o amor, a paz, a esperança?

Vivendo de Deus

«Jesus não nos transmite fórmulas, Jesus introduz-nos numa dimensão existencial e prática, dá-nos acesso a uma experiência filial. Jesus não nos dá um saber. Dá-nos o sabor de Deus. Um saborear. (...)

Não há outra maneira de tornar o Reino presente no mundo, se não for a partir de dentro, impregnados, transfigurados por Deus, vivendo de Deus e de Deus só.»

José Tolentino de Mendonça

Quem és Tu?

Is. 50, 5-9 “Jesus saiu com os seus discípulos para as aldeias de Cesaréia de Filipe, e pelo caminho perguntou-lhes: Quem dizem os homens que eu sou? Responderam-lhe os discípulos: João Batista; outros, Elias; outros, um dos profetas. Então perguntou-lhes Jesus: E vós, quem dizeis que eu sou? Respondeu Pedro: Tu és o Cristo. E ordenou-lhes severamente que a ninguém dissessem nada a respeito dele. E começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem padecesse muito, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, e fosse morto, mas ressuscitasse depois de três dias. E falava-lhes abertamente dessas coisas. Pedro, tomando-o à parte, começou a repreendê-lo. Mas, voltando-se ele, olhou para os seus discípulos e repreendeu a Pedro: Afasta-te de mim, Satanás, porque teus sentimentos não são os de Deus, mas os dos homens. Em seguida, convocando a multidão juntamente com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém me quer seguir, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Porque o que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas o que perder a sua vida por amor de mim e do Evangelho, salvá-la-á.” (Mc 8, 27-35)

**Só amo o que que conheço... E só quero conhecer mais quando amo.
Conhecer e amar são dois actos indissociáveis.**

**Será que sei responder à questão: quem és Tu Senhor? Ou a minha
resposta resulta do que os outros me dizem de Ti?**

**Estou disposto a conhecer-Te, numa relação pessoal e íntima?
Compreendo que só conhecendo-Te é que posso experimentar o que é
amar-Te?**



embro-me bem dos tempos de início de namoro. Há muito que desejava apaixonar-me, mas não aparecia quem me cativasse. Até que um dia, numa peregrinação a pé a Fátima, conheci um rapaz (hoje meu marido) calado e pensativo que despertou toda a minha atenção.

Desde esse momento não descansei enquanto não soube quem era, o que queria ser, o que gostava, o que pensava, o que fazia... Tudo nele me interessava, nada me era indiferente ou insignificante. Cada gesto, cada palavra, cada passo era por mim observado milimetricamente e, assim, ia conhecendo-o e amando-o mais.

No início do namoro ficávamos horas e horas a conversar, nem dávamos conta do tempo a passar. E tudo era importante, tudo era digno de ser dito e descoberto.

Ainda hoje sinto isto pelo meu marido e sei que este é um bom barómetro do nosso amor: quando não me interesso por conhecê-lo melhor, por saber o que sente, o que faz, o que traz a cada momento no coração... será que estou a amá-lo verdadeiramente?

Esta minha experiência de amor tem-me ensinado que não posso amar o que não conheço. O entusiasmo inicial incita-me à descoberta e a permanência no que vou conhecendo gera Amor.

Hoje, depois de dez anos desde aqueles momentos iniciais, posso dizer que amo mais e melhor o meu marido, porque o vou conhecendo também mais e melhor. Conhecer e amar são dois actos indissociáveis: porque conheço, amo; porque amo, quero conhecer...

Aqui chegada e interpelada pela questão que Jesus hoje me coloca: "E TU, QUEM DIZES QUE EU SOU?"... Pergunto-me se, honestamente, sei responder.

Desde pequena que me sei católica, que frequento os sacramentos e até tenho um grupo de revisão de vida... mas será que sei dizer quem és TU Jesus? Ou apercebo-me de que tenho andado ocupada em saber de Ti pelos outros e em procurar ser melhor pessoa em função daquilo a que me chamas segundo o que os outros me dizem?

Confesso que tenho tido preguiça em conhecer-Te... é mais fácil quando os outros revelam o que vão descobrindo de Ti, de quem Tu és... e eu, assim, nem tenho de me esforçar...

Mas quando paro e penso na minha própria experiência e história de amor com o meu marido, depressa me dou conta que é impossível construir uma relação pessoal, íntima, com base no que os outros dizem, no que os outros falam sobre o ser amado. Para o amar, se o quero amar, Eu é que tenho de o conhecer, Eu é que tenho de perder o meu tempo para observar a sua via, os seus sentimentos, os seus feitos, os seus sonhos, as suas dores.

Como poderia, honestamente, afirmar: eu amo o meu marido, mas não faço ideia que tipo de pessoa é...?

Não nos chocaria que alguém nos dissesse: “eu amo a minha mulher, mas não sei como está, não me interessa pelo que pensa, nem me suscita curiosidade saber o que está a sentir”. Que amor é este [??] pensaríamos nós...(e concluiríamos: se isto é amor...eu não quero para mim!).

Não menosprezo o caminho que fiz até agora, nem quero ser ingrata para com tudo o que os outros já me trouxeram de Ti Senhor, mas reconheço que estou bastante aquém da experiência de amor que me propões.

Esta leitura foi um verdadeiro sinal de alerta na minha vida: Se não sei responder a: “Quem És Senhor” como posso afirmar que Te conheço? E, assim, como posso dizer que Te Amo?

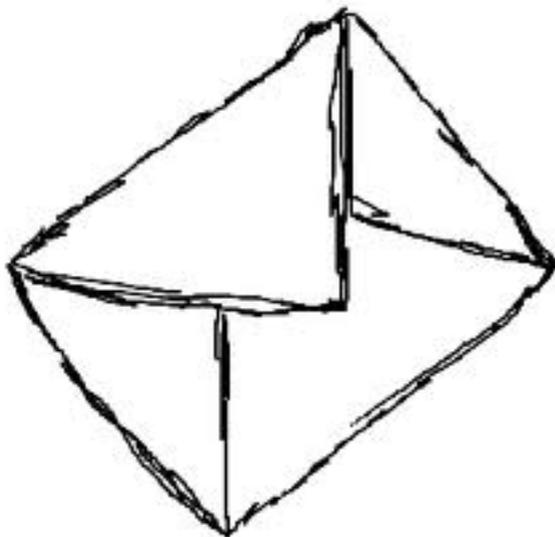
Este vai ser, sem dúvida, o meu projecto de Verão (que, provavelmente, se prolongará por bastante tempo): procurar responder à questão que colocaste no meu coração “Quem és Tu Senhor”?

Obrigada Senhor por esta boa inquietação que me leva a Ti.

As Pessoas são como os Envelopes

As pessoas e os encontros, por vezes, são como os envelopes bem endereçados que recebemos. Sabe-se o nome e a morada, mas não se sabe o que vem lá dentro. Será uma conta a pagar, um convite, um folheto de publicidade? Será uma cunha, umas boas festas? É que o envelope rasga-se e depois vê-se o que vem lá dentro. As intenções do coração vêm sempre ao de cima, não há máscara que lhes resista...

Vasco Pinto de Magalhães, in 'Não Há Soluções, Há Caminhos'



A Firmeza na Oração produz a Esperança, o Amor e a Paz

Sb 2, 12.17-20 “(...) Porque se o justo é filho de Deus, Deus o amparará e tirará das mãos dos seus adversários(...).”

Sl 54(53), 3-6.8 “(...) Ouve, ó Deus, a minha oração; presta ouvidos à minha súplica! (...) Mas Deus é a minha ajuda; o Senhor é quem me conserva a vida. (...) Por isso te

Tg 3, 16- 4,3 agradeceréi com ofertas; louvarei o teu nome, Senhor, porque tu és bom.”

Mc 9, 30-37 “(...) Mas a sabedoria que vem de Deus é, antes de tudo, pura; é pacífica, compreensiva, generosa, cheia de misericórdia e boas acções; não faz distinção de pessoas e não é fingida. Aqueles que trabalham pela paz vão lançando a semente, que lhes dará uma colheita de justiça e de paz.”

“(...) Chegaram à cidade de Cafarnaum. Quando já estavam em casa, Jesus perguntou aos discípulos: “Que é que vocês vinham a discutir pelo caminho?” Mas eles calaram-se, porque pelo caminho tinham vindo a discutir quem seria o mais importante. Jesus então sentou-se, chamou os doze e disse-lhes: “Se alguém quer ser o primeiro, tem que se tornar o último e o servo de todos.” Em seguida pegou num menino e colocou-o no meio deles. Depois tomou-o nos braços e disse aos discípulos: “Todo aquele que receber uma criança em meu nome, é a mim que recebe. E quem me receber, não recebe só a mim, mas também aquele que me enviou.”

Um Mundo em perigo, em crise, sem esperança nem paz. Onde encontrá-las? Será mesmo possível encontrá-las? E como? A esperança, a paz e o amor são dons de Deus, que Ele nunca nos nega quando Lhos pedimos. Temos então que manter-nos firmes nessa oração.

Este conjunto de leituras que rezamos juntos neste Domingo de Setembro, tocou-nos especialmente em três pontos, que gostaríamos de partilhar:

1) “A sabedoria que vem de Deus é, antes de tudo, pura; é pacífica, compreensiva, generosa, cheia de misericórdia e boas acções; não faz distinção de pessoas e não é fingida.”

Que bom, Pai!

É desta Sabedoria que vem de ti que o mundo precisa... que cada um de nós precisa...

Que grande privilégio é podermos recebê-la, comunga-la, mergulhar nesta sabedoria divina, que é o teu Amor e a tua Presença em nós.

Que grande dom é queres partilhá-la connosco, renová-la através de nós e espalhá-la “até aos confins do mundo”.

Mas, para “tocar” esta sabedoria que vem de ti, é preciso estar disponível, com uma atitude apaixonada, numa relação íntima, numa vida orante – ligada a ti.

É certo que cada um de nós vai ficando parecido com os elementos da sua família, vai ganhando até algumas características dos outros... há gestos, palavras... que se sobrepõem, apenas pelo convívio diário. Há “rituais” familiares

que nos identificam!

E é isso, Pai, que hoje te pedimos, tal como o salmista: “Ouve, ó Deus, a minha oração; presta atenção à minha súplica”: ENCHE-ME DA TUA SABEDORIA, ENCHE-NOS DA TUA SABEDORIA...

Rezamos hoje as palavras de uma canção:

“Oh, deixa que o Senhor te envolva
No seu Espírito de Amor
Satisfaça a tua alma e o coração
Entrega o que te impede
E o seu Espírito virá
Sobre ti e vida nova te dará
Cristo, ó Cristo, vem e enche-nos
Cristo, ó Cristo, enche-nos de ti”

2) “Jesus perguntou aos discípulos: “Que é que vocês vinham a discutir pelo caminho?”

Esta pergunta de Jesus fez-nos pensar nos caminhos de que são feitas as nossas vidas.

- Onde gastamos as nossas energias?
- A discutir o quê?
- Com quem?

Quantas vezes perdemos o nosso tempo, a nossa paz, a nossa vida, a discutir sobre assuntos que não são os mais importantes, que não dependem de nós, que não têm em conta a sabedoria divina (mas sim a humana com as suas limitações e contradições).

Quantas discussões ou perdas de tempo podemos evitar se

nos sentarmos a conversar com Jesus?...

Ele nos mostrará o que é melhor:

ou aceitar e entregar tudo nas mãos do Pai
ou agir para a construção da Paz

3) “Se alguém quer ser o primeiro, tem que se tornar o último e o servo de todos”.

“Todo aquele que receber uma criança em meu nome, é a mim que recebe e ao Pai”.

Jesus, o que é ser o mais importante? O que significa ser o primeiro?

O que nos queres ensinar hoje sobre isto?

Olhamos para a tua vida e parece uma loucura... Mas é a vida que nós queremos seguir!

É também a vida que nos dará “uma colheita de justiça e de paz”.

Hoje convidas-nos a valorizar e a acolher tudo aquilo ou quem é mais frágil, mais simples, mais esquecido ou negligenciado.

Olhemos para a nossa vida concreta e perguntemos a Jesus:

- Quem é que nos queres entregar?
- A quem é que nos pedes para servir, em teu nome?
- Em que situações é que precisas da nossa intervenção?

Obrigado, Jesus, por nos continuares a chamar...

Um velho índio estava a falar com o seu neto e contava-lhe:

"Sinto-me como se tivesse dois lobos lutando no meu coração.

*Um é um lobo irritado, violento e vingativo.
O outro está cheio de amor e compaixão."*

O neto perguntou:

"Avô, diga-me, qual dos dois ganhará a luta no seu coração?"

O avô respondeu:

"Aquele que eu alimentar."



Quem dera que todo o povo do SENHOR profetizasse!

- Num 11, 25-26.28-29 «O SENHOR desceu na nuvem e falou-lhe (a Moisés); tomando do espírito que estava sobre ele, deu-o aos setenta anciãos. Quando o espírito repousou sobre eles, profetizaram. (...) Dois desses homens tinham ficado no acampamento. (...) O espírito desceu também sobre eles, porque estavam entre os inscritos, embora não tivessem ido para a tenda, e começaram a profetizar no acampamento. Então Josué (...) ripostou: “Moisés, meu senhor, não lho consintas.”
- Tg 5, 1-2.4.6
- Mc 9, 38-41

Respondeu-lhe Moisés: “Tens ciúmes por mim? Quem dera que todo o povo do SENHOR profetizasse, que o SENHOR enviasse o seu espírito sobre ele!”» (Num 11, 25-26.28-29)

«Disse-lhe João: “Mestre, vimos alguém expulsar demónios em teu nome, alguém que não nos segue, e quisemos impedi-lo porque não nos segue.». Jesus disse-lhes: “Não o impeçais, porque não há ninguém que faça um milagre em meu nome e vá logo dizer mal de mim. Quem não é contra nós é por nós. Sim, seja quem for que vos der a beber um copo de água por serdes de Cristo, (...) não perderá a sua recompensa. “» (Mc 9, 38-41)

O Senhor convida-nos a acreditar no Evangelho do Amor e a ir "pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura". Diz que seremos acompanhados (confirmados) por sinais: "em meu nome expulsarão demónios", i.e., combaterão o mal.

Jesus explica que, mesmo os que não são "oficialmente" do grupo dos que O seguem, serão acompanhados por esses sinais. Reportam os discípulos: "Mestre, vimos alguém expulsar demónios em teu nome, alguém que não nos segue". Jesus diz: "Não o impeçais, porque não há ninguém que faça um milagre em meu nome e vá logo dizer mal de mim."

Diz Tiago na sua carta: "Olhai que o salário que não pagastes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos está a clamar; e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor do universo! Condenastes e destes a morte ao inocente, e Deus não vai opor-se?" Vai, sim. Vai enviar o seu Espírito, vai convidar-nos a profetizar. Vamos aceitar? Aceitamos?



Senhor convida-nos a acreditar no Evangelho de Amor que Ele propõe. Porque sabe que esse é o caminho para sermos felizes. Mas este Evangelho não é só para nós; mas sim para todos: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc. 16, 15-20).

Os que acreditam serão acompanhados (confirmados) por sinais: “em meu nome expulsarão demónios, falarão línguas novas, apanharão serpentes com as mãos...” (Mc. 16, 15-20).

Os discípulos, como muitas vezes nós, viram alguém expulsar demónios (entenda-se combater o mal) em nome de Jesus (Mc. 9, 38-41). Para os discípulos havia um problema: era “alguém que não nos segue”. Transpondo para os dias de hoje, era alguém que não é do nosso grupo, da nossa comunidade, da nossa paróquia, da nossa igreja, ou até alguém que não se assume cristão.

Jesus é muito claro como também já tinham sido Deus e Moisés. Jesus diz: “Não o impeçais, porque não há ninguém que faça um milagre em meu nome e vá logo dizer mal de mim. Quem não é contra nós é por nós” (Mc. 9,38-41).

Diz o livro dos Números que Deus tomou do espírito que estava sobre Moisés e deu-o aos setenta anciãos (Num. 11, 25-29). Mas também aqui houve um problema: dois anciãos que não estiveram no grupo inicial que esteve na tenda (mas estavam entre os inscritos, isto é entre os escolhidos) começaram também a profetizar. Para os seguidores de Moisés, Moisés devia impedir estes dois anciãos de profetizar. Moisés também é muito claro: “Tens ciúmes por mim? Quem dera que todo o povo do SENHOR profetizasse, que o SENHOR enviasse o seu espírito sobre ele!”

Mas sobre o que somos convidados a ouvir o Espírito e a profetizar? O que preocupa Deus? Sabemos da Bíblia que Deus se preocupa com o sofrimento dos homens, porque nos quer felizes.

Diz Tiago na sua carta: “Olhai que o salário que não pagastes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos está a clamar; e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor do universo! Condenastes e destes a morte ao inocente, e Deus não vai opor-se?” (Tg. 5, 1-6).

Quais são os sofrimentos dos homens hoje? Das pessoas individuais que conhecemos, dos homens e mulheres em Portugal, na Europa, no Mundo?

E Deus não vai opor-se?

Vai sim, mas não vai ser Ele a fazer directamente. Não tem sido assim na História da Salvação. Em vez disso, envia o Seu Espírito, convida-nos a ouvi-lo e a profetizar. Vamos aceitar? Aceitamos?

O que podemos fazer? Qual pode ser o nosso papel?

Na situação política e portanto das pessoas: de Portugal, da Europa, do Mundo?

Ou na situação de alguém, ou de alguma família muito concreta que posso ajudar?

Qual é o copo de água que podemos dar a beber para contribuir para o projecto de Deus para o Mundo? Jesus é muito claro e simples: “seja quem for que vos der a beber um copo de água por serdes de Cristo”. Eu também posso ser este “seja quem for”, nem preciso de pertencer “oficialmente” à Igreja. Deus Ama-me e quer-me seja eu quem for, mesmo

que não seja reconhecido, aceite na Igreja pelos outros homens.

Como nos relacionamos com as outras pessoas, comunidades que não são da nossa comunidade, da nossa igreja, mas que fazem o bem? Damos as mãos e cooperamos? As barreiras com que delimitamos os que achamos que “são” e os que achamos que não “são” de Cristo vêm de Deus ou serão invenção nossa?

Ama e faz o que quiseres.

De uma vez por todas, uma pequena regra é exigida de ti: ama e faz o que desejas.

Se tu manténs o silêncio, faz isso por amor;

Se gritas, fá-lo por amor;

Se corrigires, corrigirás com amor;

Se perdoares, perdoarás com amor;

Se evitas punir,

Faz isso por amor.

Cultiva em ti a planta do amor, pois dela só poderá vir o que é verdadeiramente bom.

Por amor.

Quem ama nunca faz o mal, e é para o bem que nascemos.

(Santo Agostinho)

parte II

Silêncio e palavra: caminho de evangelização

Amados irmãos e irmãs,

Ao aproximar-se o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2012, desejo partilhar convosco algumas reflexões sobre um aspecto do processo humano da comunicação que, apesar de ser muito importante, às vezes fica esquecido, sendo hoje particularmente necessário lembrá-lo. Trata-se da relação entre silêncio e palavra: dois momentos da comunicação que se devem equilibrar, alternar e integrar entre si para se obter um diálogo autêntico e uma união profunda entre as pessoas. Quando palavra e silêncio se excluem mutuamente, a comunicação deteriora-se, porque provoca um certo aturdimento ou, no caso contrário, cria um clima de indiferença; quando, porém se integram reciprocamente, a comunicação ganha valor e significado.

O silêncio é parte integrante da comunicação e, sem ele, não há palavras densas de conteúdo. No silêncio, escutam-nos e conhecemo-nos melhor a nós mesmos, nasce e aprofunda-se o pensamento, compreendemos com maior clareza o que queremos dizer ou aquilo que ouvimos do outro, discernimos como exprimir-nos. Calando, permite-se à outra pessoa que fale e se exprima a si mesma, e permite-nos a nós não ficarmos presos, por falta da adequada confrontação, às nossas palavras e ideias. Deste modo abre-se um espaço de escuta recíproca e torna-se possível uma relação humana mais plena.

É no silêncio, por exemplo, que se identificam os momentos mais autênticos da comunicação entre aqueles que se amam: o gesto, a expressão do rosto, o corpo enquanto sinais que

manifestam a pessoa. No silêncio, falam a alegria, as preocupações, o sofrimento que encontram (...). Por isso, do silêncio, deriva uma comunicação ainda mais exigente, que faz apelo à sensibilidade e àquela capacidade de escuta que frequentemente revela a medida e a natureza dos laços.

Quando as mensagens e a informação são abundantes, torna-se essencial o silêncio para discernir o que é importante daquilo que é inútil ou acessório. (...) Por isso é necessário criar um ambiente propício, quase uma espécie de «ecossistema» capaz de equilibrar silêncio, palavra, imagens e sons.

Grande parte da dinâmica actual da comunicação é feita por perguntas à procura de respostas. Os motores de pesquisa e as redes sociais são o ponto de partida da comunicação para muitas pessoas, que procuram conselhos, sugestões, informações, respostas. Nos nossos dias, a Rede vai-se tornando cada vez mais o lugar das perguntas e das respostas; mais, o homem de hoje vê-se, frequentemente, bombardeado por respostas a questões que nunca se pôs e a necessidades que não sente.(...)

Entretanto, neste mundo complexo e diversificado da comunicação, aflora a preocupação de muitos pelas questões últimas da existência humana: Quem sou eu? Que posso saber? Que devo fazer? Que posso esperar? É importante acolher as pessoas que se põem estas questões, criando a possibilidade de um diálogo profundo, feito não só de palavra e confrontação, mas também de convite à reflexão e ao silêncio, permitindo a quem se interroga descer até ao mais fundo de si mesmo e abrir-se para aquele caminho de resposta que Deus inscreveu no coração do homem.

No fundo, este fluxo incessante de perguntas manifesta a inquietação do ser humano, sempre à procura de verdades, pequenas ou grandes, que dêem sentido e esperança à existência(...): todos somos perscrutadores da verdade e compartilhamos este profundo anseio, sobretudo neste nosso tempo em que, «quando as pessoas trocam informações, estão já a partilhar-se a si mesmas, a sua visão do mundo, as suas esperanças, os seus ideais»

Devemos olhar com interesse para as várias formas de sítios, aplicações e redes sociais que possam ajudar o homem actual não só a viver momentos de reflexão e de busca verdadeira, mas também a encontrar espaços de silêncio, ocasiões de oração, meditação ou partilha da Palavra de Deus. Na sua essencialidade, breves mensagens – muitas vezes limitadas a um só versículo bíblico – podem exprimir pensamentos profundos, se cada um não descuidar o cultivo da sua própria interioridade.

Não há que surpreender-se se, nas diversas tradições religiosas, a solidão e o silêncio constituem espaços privilegiados para ajudar as pessoas a encontrar-se a si mesmas e àquela Verdade que dá sentido a todas as coisas. O Deus da revelação bíblica fala também sem palavras: «Como mostra a cruz de Cristo, Deus fala também por meio do seu silêncio. (...) O silêncio de Deus prolonga as suas palavras anteriores. Nestes momentos obscuros, Ele fala no mistério do seu silêncio» (...)

Se Deus fala ao homem mesmo no silêncio, também o homem descobre no silêncio a possibilidade de falar com Deus e de Deus. «Temos necessidade daquele silêncio que se torna contemplação, que nos faz entrar no silêncio de Deus e assim chegar ao ponto onde nasce a Palavra, a Palavra

redentora». Quando falamos da grandeza de Deus, a nossa linguagem revela-se sempre inadequada e, deste modo, abre-se o espaço da contemplação silenciosa. Desta contemplação nasce, em toda a sua força interior, a urgência da missão, a necessidade imperiosa de «anunciar o que vimos e ouvimos», a fim de que todos estejam em comunhão com Deus (cf. 1 Jo 1, 3). A contemplação silenciosa faz-nos mergulhar na fonte do Amor, que nos guia ao encontro do nosso próximo, para sentirmos o seu sofrimento e lhe oferecermos a luz de Cristo, a sua Mensagem de vida, o seu dom de amor total que salva.

Depois, na contemplação silenciosa, surge ainda mais forte aquela Palavra eterna pela qual o mundo foi feito, e identifica-se aquele desígnio de salvação que Deus realiza, por palavras e gestos, em toda a história da humanidade. (...)

Palavra e silêncio. Educar-se em comunicação quer dizer aprender a escutar, a contemplar, para além de falar; e isto é particularmente importante para os agentes da evangelização: silêncio e palavra são ambos elementos essenciais e integrantes da acção comunicativa da Igreja para um renovado anúncio de Jesus Cristo no mundo contemporâneo

Vaticano, 24 de Janeiro – dia de São Francisco de Sales – de 2012

BENEDICTUS PP. XVI

A família, o trabalho e a festa

Família, trabalho e festa foram as três palavras do tema para o VII Encontro Mundial das Famílias, que decorreu em Milão, de 30 de maio a 3 de junho de 2012. Elas formam um trinómio que começa a partir da família, para a abrir ao mundo: o trabalho e a festa são modos como a família habita o «espaço» social e vive o «tempo» humano. O tema põe em relação o casal, um homem e uma mulher, com os seus estilos de vida: o modo de viver as relações (a família), de habitar o mundo (trabalho) e de humanizar o tempo (festa).

As catequese (...) tencionam iluminar o entrelaçamento entre a experiência da família e a vida quotidiana na sociedade e no mundo.

Reproduzimos excertos da primeira dessas catequese e recomendamos a leitura de outras.



O SEGREDO DE NAZARÉ

1. “Veio ao meio dos seus.”

Jesus pede que a família seja lugar que acolhe e gera a vida em plenitude. Ela não gera apenas a vida física, mas abre à promessa e à alegria. A família torna-se capaz de «receber», se souber preservar a sua própria intimidade, a história de cada um, as tradições familiares, a confiança na vida e a esperança no Senhor. A família torna-se capaz de «gerar», quando faz circular os dons recebidos, quando conserva o ritmo da existência quotidiana entre trabalho e festa, entre afecto e caridade, entre compromisso e gratuidade. Esta é a dádiva que se recebe em família: conservar e transmitir a vida, no casal e aos filhos.

A família tem o seu ritmo, como a palpação do coração; é lugar de descanso e de impulso, de chegada e de partida, de paz e de sonho, de ternura e de responsabilidade. O casal deve construir a atmosfera antes da chegada dos filhos. O trabalho não pode tornar a casa deserta, mas a família deve aprender a viver e a conjugar os tempos do trabalho com aqueles da festa. Muitas vezes deve confrontar-se com pressões externas, que não permitem escolher o ideal, mas os discípulos do Senhor são aqueles que, vivendo na realidade das situações, sabem dar sabor a todas as coisas, mesmo àquilo que não se consegue mudar: são o sal da terra. De modo particular, o domingo deve ser tempo de confiança, de liberdade, de encontro, de descanso e de partilha. O domingo é o momento do encontro entre o homem e a mulher. É acima de tudo o Dia do Senhor, o tempo da oração, da Palavra de Deus, da Eucaristia e da abertura à comunidade e à caridade. E deste modo, também os dias da semana receberão luz do domingo e da festa: haverá menos dispersão

e mais encontro, menos pressa e mais diálogo, menos coisas e mais presença. Um primeiro passo nesta direcção é ver como habitamos a casa, o que levamos a cabo no nosso lar. É necessário observar como é a nossa morada e considerar o estilo do nosso habitar, as escolhas que ali fizemos, os sonhos que cultivamos, os sofrimentos que vivemos, as lutas que enfrentamos e as esperanças que alimentamos.

2. O segredo de Nazaré.

Nesse povoado da Galileia, Jesus vive o período mais longo da sua vida. Jesus torna-se homem: com o transcorrer dos anos, ele atravessa muitas das experiências humanas para as salvar todas: faz-se um de nós, entra numa família humana, vive trinta anos de silêncio absoluto, que se tornam revelação do mistério da humildade de Nazaré.

(...) A Sua Mãe conservava todas estas coisas no seu coração. E Jesus crescia em estatura (maturidade), sabedoria e graça diante de Deus e dos homens». Eis o profundo mistério de Nazaré: Jesus, a Palavra de Deus em pessoa, imergiu-se na nossa humanidade durante trinta anos! As palavras dos homens, as relações familiares, a experiência da amizade e da conflitualidade, da saúde e da enfermidade, da alegria e do sofrimento tornaram-se linguagens que Jesus aprendeu, para proferir a Palavra de Deus. De onde vêm, a não ser da família e do ambiente de Nazaré, as palavras de Jesus, as suas imagens, a sua capacidade de contemplar os campos, o camponês que semeia, a messe que loureça, a mulher que mistura a farinha, o pastor que extraviou a ovelha, o pai com os seus dois filhos. Onde foi que Jesus aprendeu a sua surpreendente capacidade de narrar, imaginar, comparar e pregar na vida e com a vida? Não vêm elas porventura da imersão de Jesus na vida de Nazaré? Por isso dizemos que

Nazaré é o lugar da humildade e do escondimento. A palavra esconde-se, a semente desce ao ventre da terra e morre para trazer como fruto o amor do próprio Deus, aliás, o rosto paterno de Deus. Este é o mistério de Nazaré.

3. Os vínculos familiares.

Jesus vive numa família caracterizada pela espiritualidade judaica e pela fidelidade à lei: «Os seus pais iam todos os anos a Jerusalém, para a festa da Páscoa. Tendo ele completado doze anos, subiram a Jerusalém, segundo a tradição da festa». A família e a lei constituem o contexto onde Jesus cresce em sabedoria e graça. (...)

Também nós crescemos numa família humana, dentro de vínculos de acolhimento que nos fazem crescer e responder à vida e a Deus. Também nós nos tornamos aquilo que recebemos. O mistério de Nazaré é o conjunto de todos estes vínculos: a família e a religiosidade, as nossas raízes e o nosso povo, a vida diária e os sonhos para o porvir. A aventura da vida humana começa a partir daquilo que recebemos: a vida, a casa, o afecto, a língua e a fé. A nossa humanidade é forjada por uma família, com as suas riquezas e as suas pobrezaas.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

Para os casais

1. A nossa família é lugar que recebe e gera a vida em plenitude, nas várias dimensões humanas e cristãs?
2. Que escolhas fazemos para que a família seja espaço onde crescer em plenitude?
3. Que tipo de vínculos familiares, afectivos e religiosos alimentam o seu crescimento?

Para as famílias e as comunidades

1. Quais são os novos estilos de vida para a família de hoje, entre trabalho e festa?
2. Quais são as escolhas e os critérios que orientam a nossa vida quotidiana?
3. Quais são as dificuldades comunicativas e sociais que se devem enfrentar para fazer da família um lugar de crescimento humano e cristão?

Pontifício Conselho para a Família (2011), A família, o trabalho e a festa. Lisboa: Lucerna.

Próximas Actividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

- Jun 27** Festa de Encerramento dos grupos (Paróquia do Campo Grande, 19h)
- Jun 30** 3º Conselho e Encerramento das Actividades da FaMVD (Vale de Lobos, das 9h30 às 16h30)
- Jun 30** Eucaristia da FaMVD e Votos Perpétuos dos Casais Missionários (Casa da Palavra, 17h00)
- Jul 28 a Ago 4** Retiro Silêncio (Vale de Lobos, 15h00, com Casa da Alegria mas sem colónia)
- Jul 30 a Ago 4** Convenção “50 anos... na tua Palavra” (Espanha)
- Ago 5 a Ago 12** Exercícios Espirituais da Família Verbum Dei - casais (Espanha)
- Ago 6 a Ago 12** Peregrinação a Santiago de Compostela
- Ago 14 a Ago 18** Retiro de silêncio (Loeches, Espanha)
- Ago 25 a 1 Set** Retiro Silêncio (Vale de Lobos, 15h00, com Casa da Alegria e colónia)
- Set 5 a 11** Campo de Trabalho dos Jovens Fraternos (Vale de Lobos)
- Set 21 a 23** Encontro de Animadores dos Grupos de Jovens Fraternos (Vale de Lobos, 21h)
- Set 28 a 30** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h00)

Mais informações e inscrições em www.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.



Fraternidade Missionária Verbum Dei

Rua José Lins do Rego, 7 - 1ºdto. 1700-262 Lisboa
Tel: +351 21 7950957

Vale de Lobos
Tel: +351 219624284

www.verbumdei.org/lisboa

cadernodeoracaovd@gmail.com
contacto@verbumdei.org